

Princípio protestante e *Gestaltung*. Sobre a construção da Teoria do Protestantismo de Paul Tillich*

Fábio Henrique Abreu**

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo oferecer uma reconstrução da teoria do protestantismo de Paul Tillich. A tese defendida é a de que Tillich desenvolve sua teoria do protestantismo com base em sua interpretação da doutrina da justificação pela fé. A construção paradoxal da teoria do protestantismo de Tillich é evidenciada pelo uso dos conceitos-chave “*Prinzip*” e “*Gestaltung*”. A primeira parte do artigo é dedicada à análise do desenvolvimento da teoria do protestantismo a partir dos primeiros escritos de Tillich. Em seguida, o desdobramento de sua teoria do protestantismo a partir da reformulação de seu pensamento, conforme evidenciado pelo grande estudo *Rechtfertigung und Zweifel*, do ano de 1919, é apresentado. A partir dessa reformulação de sua teologia, o artigo acompanha o desdobramento da teologia de Tillich até os mais importantes escritos do período americano.

Palavras-chave: teoria do protestantismo; doutrina da justificação; *Prinzip*; *Gestaltung*.

* Palestra de abertura do XXVI Seminário em Diálogo com o Pensamento de Paul Tillich – “Princípio Protestante, Kairos & Socialismo Religioso”, proferida no dia 29 de novembro de 2022.

** Doutor em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR-UFJF). Atualmente desenvolve pesquisa de habilitação em Teologia Sistemática pela Evangelisch-Theologische Fakultät, Universität Wien, onde também atua como pesquisador colaborador com financiamento do *Forschungszentrum* “Religion and Transformation in Contemporary Society” (RaT), ligado à Vienna Doctoral School of Theology and Research on Religion (VDTR).

PROTESTANT PRINCIPLE AND *GESTALTUNG*. ON THE CONSTRUCTION OF PAUL TILLICH'S THEORY OF PROTESTANTISM

ABSTRACT

This article aims to offer a reconstruction of Paul Tillich's theory of Protestantism. The thesis defended is that Tillich develops his theory of Protestantism based on his interpretation of the doctrine of justification by faith. The paradoxical construction of Tillich's theory of Protestantism is evidenced by the use of the key concepts "*Prinzip*" and "*Gestaltung*." The first part of the article is dedicated to the analysis of the development of the theory of Protestantism from Tillich's early writings. Then, the unfolding of his theory of Protestantism from the reformulation of his thought, as evidenced by the major study *Rechtfertigung und Zweifel*, from the year 1919, is presented. From this reformulation of his theology, the article follows the unfolding of Tillich's theology to the most important writings of the American period.

Keywords: theory of Protestantism; doctrine of justification; *Prinzip*; *Gestaltung*.

“Para a desobjetificação protestante da graça, a esfera da essência é dinâmica; nela, algo novo é posto. A história é o lugar das essencialidades. A ideia jaz no histórico, não além dele”.¹

1. A teoria do protestantismo na história da obra (1905-1919)

No capítulo *The End of the Protestant Era?*, originalmente publicado em 1937 sob o título *Protestantism in the Present World-Situation*, Tillich afirma que “o princípio central do protestantismo é a doutrina da justificação pela graça somente”.² A doutrina da justificação condensa o protesto profético a todas as pretensões humanas de absolutez e santidade. Esse protesto, que opera, em primeiro lugar, como um “protesto contra si mesmo”, constitui, nas palavras de Tillich, “o princípio protestante”. Há dois aspectos que despertam a atenção aqui. Em

¹ TILLICH, P. Der Protestantismus als kritisches und gestaltendes Prinzip. In: ALBRECHT, R. (Hg). *Gesammelte Werke*. Band VII: Der Protestantismus als Kritik und Gestaltung. Schriften zur Theologie I. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 51. [Todas as traduções de textos em língua estrangeira para o português são de nossa responsabilidade.]

² TILLICH, P. *The Protestant Era*. Chicago: The University of Chicago Press, 1948, p. 226.

primeiro lugar, Tillich elabora uma conexão estreita entre protestantismo e a doutrina da justificação. Essa última constitui, no dizer de Tillich, o princípio central do protestantismo. Em segundo lugar, o “protesto profético” contra toda absolutez e *hybris* descreve a característica central do “princípio protestante”. Esses dois aspectos se conectam como que por uma elipse: a ideia da justificação é o princípio central do protestantismo, ao passo que o protesto profético, sob o horizonte do incondicionado, constitui o “princípio protestante”. Pode-se afirmar, portanto, que a justificação pela fé e o princípio do protestantismo constituem os dois lados de uma mesma moeda. No entanto, o que é o princípio protestante e como, afinal de contas, ele aparece na obra de Tillich?

Em seu livro *Die sozialistische Entscheidung*, de 1933, que constitui sua última monografia publicada antes do exílio, Tillich menciona três escritos importantes para sua “elaboração de um princípio protestante”: a saber, *Der Protestantismus als Kritik und Gestaltung*, de 1929, a coletânea *Religiöse Verwirklichung*, de 1930, e o ensaio *Protestantisches Prinzip und proletarische Situation*, de 1931.³ Em função dessa demarcação genética, surgiu na literatura secundária a impressão de que Tillich somente alcançou sua “autocompreensão protestante” na segunda metade da década de 1920.⁴ Da forma como Tillich apresenta a construção de seu princípio protestante, torna-se possível, de fato, chegar à conclusão de que sua teoria do protestantismo somente pode ser adequadamente reconstruída “contra o pano de fundo de um *Zeitgeist* teológico conformado pelo barthianismo-neo-ortodoxo”.⁵ Tal leitura foi corroborada, de um modo ainda mais incisivo, pela forma da publicação dos escritos sobre protestantismo nos *Gesammelte Werke*, organizados por Renate Albrecht.⁶ No entanto, frente ao estado da pesquisa contemporânea, essa interpretação tornou-se impossível. Os escritos póstumos

³ Cf. TILLICH, P. *Die sozialistische Entscheidung*. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 234, nota 10.

⁴ Cf. MOXTER, M. **Kultur als Lebenswelt**: Studien zum Problem einer Kulturtheologie. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000, p. 17.

⁵ WENZ, G. **Subjekt und Sein**. Die Entwicklung der Theologie Paul Tillichs. München: Chr. Kaiser Verlag, 1979, p. 34.

⁶ Cf., especialmente, o volume VII dos *Gesammelte Werke*, organizado por Renate Albrecht e publicado sob o título *Der Protestantismus als Kritik und Gestaltung*, em 1962.

editados por Gert Hummel, Doris Lax, e, sobretudo, Erdmann Sturm⁷ revelam que a teoria do protestantismo de Tillich remonta a seus primeiros escritos acadêmicos. Já aqui sua autocompreensão protestante adquire os contornos que lhe são mais fundamentais. Por conseguinte, os elementos da teoria do protestantismo presentes nesses escritos devem ser sinteticamente delineados.

Os apontamentos iniciais da teoria do protestantismo de Tillich podem ser encontrados já na primeira versão de seu *Monismusschrift* de 1908.⁸ Apresentado à Universidade de Halle como seu primeiro exame teológico, o escrito de 1908 esboça as intuições mais centrais que conformam sua teoria do protestantismo ulterior. Há três aspectos centrais que precisam ser apresentados. Em primeiro lugar, é preciso observar que, já no escrito de 1908, a “ideia da justificação” e a “cruz” de Cristo operam como fundamento teológico. Tanto a ideia da justificação quanto a teologia da cruz possuem a função de apresentar, em segundo lugar, “a crítica absoluta do pecado” e a “elevação absoluta da vontade divina como graça”.⁹ Em terceiro lugar, a simultaneidade de julgamento e perdão, destruição e reconstrução, assume o *status* formal de um “paradoxo”.¹⁰ Esses três elementos se repetem como uma *ratio*

⁷ Refiro-me, aqui, sobretudo, aos volumes IX (1998) e X (1999) dos *Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken*, que reúnem, de forma programática, os primeiros escritos acadêmicos de Tillich.

⁸ Cf. TILLICH, P. Welche Bedeutung hat der Gegensatz von monistischer und dualistischer Weltanschauung für die christliche Religion? (1908). In: HUMMEL, G.; LAX, D. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke. Berlin; New York: de Gruyter, 1998, p. 20-93.

⁹ TILLICH, P. Welche Bedeutung hat der Gegensatz von monistischer und dualistischer Weltanschauung für die christliche Religion? (1908), p. 89-90.

¹⁰ Cf. TILLICH, P. Welche Bedeutung hat der Gegensatz von monistischer und dualistischer Weltanschauung für die christliche Religion? (Schönschrift). In: HUMMEL, G.; LAX, D. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke, 1998, p. 151. Em sua autobiografia *On the Boundary*, Tillich atribui a descoberta do paradoxo da ideia da justificação à influência de seu professor Martin Kähler. Cf. TILLICH, P. On the Boundary. In: **The Interpretation of History**. New York; London: Charles Scribner's Sons, 1936, p. 32. Esse juízo é por ele repetido em sua introdução ao compêndio *The Protestant Era*. Cf. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. xiii-xiv. Wilhelm Pauck, por exemplo, valida, sem qualquer objeção, a descrição de Tillich. Cf. PAUCK, W. To Be or Not to Be: Paul Tillich on the Meaning of Life. **Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences**, vol. 33, no. 2, 1979, p. 13-14. Essa atribuição, no entanto, não é correta. Com efeito, o pensamento paulino-luterano constitui a base da principal obra sistemática de Kähler, a saber, *Die Wissenschaft der christlichen Lehre*, cuja

de aço no desenvolvimento teológico ulterior de Tillich, especialmente em sua apresentação sistemática da filosofia da religião de Schelling. Já em 1910, por ocasião de seu estudo preparatório para a tese de

terceira edição foi publicada no mesmo ano em que Tillich se transferiu para a Universidade de Halle (1905). Além disso, Kähler pode, de fato, ter enfaticamente se referido à doutrina da justificação em suas preleções. No entanto, a ideia do paradoxo não aparece na obra de Kähler. A partir de uma análise de outros documentos, como a correspondência entre Tillich e Thomas Mann, de março de 1943, por exemplo, torna-se possível perceber que o paradoxo da ideia da justificação foi, de fato, descoberto em Halle, mas num contexto completamente diferente. Cf. TILLICH, P. Studienjahre 1904-1914. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band XIII: Impressionen und Reflexionen. Ein Lebensbild in Aufsätzen, Reden und Stellungnahmen. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1972, p. 24) – sobre o contexto da correspondência entre Tillich e Mann, cf. SCHWÖBEL, C. Thomas Mann, Paul Tillich und Halle. In: DANZ, C.; SCHÜßLER, W. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien. Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 19-36. Por sugestão de seu amigo Hermann Schafft, um grupo estudantil de leitura se reuniu com o propósito de se dedicar aos escritos de Kierkegaard. Nesse contexto, o conceito de paradoxo de Kierkegaard parece ter fascinado os participantes porque entrava em desacordo com o clima geral de mediação (*Vermittlung*) do departamento de teologia. Cf. TILLICH, P. Studienjahre 1904-1914, p. 24-25. Essa é, no entanto, precisamente a marca que Tillich assinala como a mais distintiva do pensamento de Kähler: “o mais profundo e, em muitos aspectos, o mais moderno representante da teologia da mediação do século XIX”. Cf. TILLICH, P. On the Boundary, p. 32. Por outro lado, Tillich também se dedicou à leitura de Kierkegaard durante seu tempo como pastor e doutorando em Berlim. Cf. TILLICH, P. Paul Tillich: Tagebuch 1914. In: ALBRECHT, R.; HAHN, M. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band V: Ein Lebensbild in Dokumenten: Briefe, Tagebuch-Auszüge, Berichte. Stuttgart; Frankfurt am Main: Evangelisches Verlagswerk, 1980, p. 72. No entanto, com base nos escritos póstumos publicados até o presente momento, não é possível determinar o quão profunda foi essa leitura. Afinal, no que diz respeito à compreensão do pecado, a tese de 1912 remete à obra *Doença para a morte*, de Kierkegaard. Cf. TILLICH, P. Mystik und Schuldbewußtsein in Schellings philosophischer Entwicklung (1912). In: WENZ, G. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 1: Philosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1989, p. 32-33. Tillich provavelmente só chegou a um estudo mais detalhado de Kierkegaard na década de 1930, no curso de sua preocupação com o existencialismo filosófico. De qualquer forma, pode-se afirmar que a conexão entre a doutrina reformatória da justificação e o conceito de paradoxo de Kierkegaard, que já aparece no *Monismusschrift* de 1908 – cf. TILLICH, P. Welche Bedeutung hat der Gegensatz von monistischer und dualistischer Weltanschauung für die christliche Religion? (1908), 1998, p. 74 –, aparentemente representa uma descoberta original dos semestres de Tillich em Halle. Em seu desenvolvimento posterior, essa conexão demonstra ser, de um ponto de vista sistemático, extremamente importante. Para breves apontamentos sobre a recepção de Kierkegaard no pensamento de Tillich, cf. FISCHER, H. **Die Christologie des Paradoxes**. Zur Herkunft und Bedeutung des Christusverständnisses Sören Kierkegaards. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1970, p. 111-129; SCHULZ, H. A Modest Head Start: The Reception of Kierkegaard in the German-Speaking World. In: **Aneignung und Reflexion: Studien zur Rezeption Sören Kierkegaards**. Berlin; Boston: de Gruyter, 2011, p. 67-70.

doutorado, Tillich afirma que “a religião de Schelling, em ambos os períodos de seu desenvolvimento, é a fé na justificação”.¹¹ A tese de doutorado em filosofia, de 1910, discorre sobre “o paradoxo absoluto da cruz de Cristo”.¹² Além disso, Tillich opera uma conexão entre o discurso de Schelling sobre o “dom da justificação” e seu tratamento da obra de Cristo, particularmente em conexão com a “morte sacrificial” e a “ressurreição”.¹³ Por sua vez, a tese de doutorado em teologia, de 1912, determina o “paradoxo da fé” como o aspecto “verdadeiramente religioso” da religião.¹⁴

Um aprofundamento ulterior da doutrina da justificação pode ser encontrado nas teses da *Kasseler Pfingstkonferenz*, de 1911.¹⁵ O objetivo primordial dessas teses consiste na refutação de uma certeza da fé cuja base se encontra na imagem do Jesus histórico, tal como elaborada, sobretudo, por Wilhelm Herrmann.¹⁶ No escopo de uma linha complexa de argumentação, que se desdobra sob o horizonte de uma filosofia especulativa, a doutrina da justificação pela fé é mencionada em duas teses distintas. Na tese 116, Tillich a emprega como confirmação

¹¹ TILLICH, P. Gott und das Absolute bei Schelling (1910). In: STURM, E. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band X: Religion, Kultur, Gesellschaft. Unveröffentlichte Texte aus der deutschen Zeit (1908-1933). Erster Teil. Berlin; New York: de Gruyter, 1999, p. 51.

¹² TILLICH, P. Die religionsgeschichtliche Konstruktion in Schellings positiver Philosophie, ihre Voraussetzungen und Prinzipien (1910). In: HUMMEL, G.; LAX, D. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke, p. 187.

¹³ TILLICH, P. Die religionsgeschichtliche Konstruktion in Schellings positiver Philosophie, ihre Voraussetzungen und Prinzipien (1910), p. 227.

¹⁴ TILLICH, P. Mystik und Schuldbewußtsein in Schellings philosophischer Entwicklung (1912), p. 41. Sobre a recepção de Tillich da filosofia de Schelling, cf. NEUGEBAUER, G. **Tillichs frühe Christologie**. Eine Untersuchung zu Offenbarung und Geschichte bei Tillich vor dem Hintergrund seiner Schellingrezeption. Berlin; New York: de Gruyter, 2007, p. 146-192; 227-252.

¹⁵ Para uma análise pormenorizada das teses de 1911, cf. NEUGEBAUER, G. **Tillichs frühe Christologie**. Eine Untersuchung zu Offenbarung und Geschichte bei Tillich vor dem Hintergrund seiner Schellingrezeption, p. 192-227.

¹⁶ A posição de Herrmann é bem delineada em seu debate com Troeltsch sobre o Jesus histórico. Para uma apresentação desse debate, cf. SOCKNESS, B. W. **Against False Apologetics: Wilhelm Herrmann and Ernst Troeltsch in Conflict**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998, p. 75-85; 146-169. Para a posição de Herrmann, cf. HERRMANN, W. **Der Verkehr des Christen mit Gott**: Im Anschluß an Luther dargestellt. Tübingen: Mohr Siebeck, 1921, p. 45-160.

dogmática da refutação de Herrmann.¹⁷ Na tese 111, por sua vez, ele relaciona a doutrina da justificação mais propriamente com o princípio moderno da autonomia. Aqui, a doutrina da justificação assume um *status* de instância parcialmente crítica. Isso não quer dizer, contudo, que Tillich entenda a relação entre o princípio da autonomia e o princípio da justificação nos termos de uma contraposição. No entanto, ele enfatiza que é “repugnante” qualquer tentativa de “criar” as condições da identidade do espírito humano com o absoluto a partir de si mesmo. Tillich descreve tais esforços, por conseguinte, como “distúrbios da autonomia”.¹⁸ Por outro lado, como descreve a tese 114, a “impossibilidade de uma heteronomia permanente” é enfatizada.¹⁹ Já aqui, portanto, torna-se possível identificar o objetivo programático de uma “síntese paradoxal” entre autonomia e heteronomia sob o horizonte da doutrina da justificação. Essa síntese é descrita, posteriormente, a partir do conceito de “teonomia”, expressão que Tillich provavelmente tomou de empréstimo de Martin Kähler, mas a moldou de forma bastante distinta em termos de conteúdo.²⁰

O passo decisivo para o estabelecimento da doutrina da justificação como princípio teológico se encontra, porém, no esboço de uma *Systematische Theologie*, de 1913, que emergiu do trabalho apologético das chamadas “*Vernunft-Abende*”.²¹ A base da *Systematische Theologie*

¹⁷ Cf. TILLICH, P. Die christliche Gewißheit und der historische Jesus. Materialien und Briefe zur Kasseler Pfingstkonferenz 1911. In: ALBRECHT, R.; TAUTMANN, R. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich.** Band VI: Briefwechsel und Streitschriften. Theologische, philosophische und politische Stellungnahmen und Gespräche. Frankfurt am Main: Evangelisches Verlagswerke, 1983, p. 44-45.

¹⁸ TILLICH, P. Die christliche Gewißheit und der historische Jesus. Materialien und Briefe zur Kasseler Pfingstkonferenz 1911, p. 44.

¹⁹ TILLICH, P. Die christliche Gewißheit und der historische Jesus. Materialien und Briefe zur Kasseler Pfingstkonferenz 1911, p. 44.

²⁰ Cf. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 55-65. Cf. KÄHLER, M. **Die Wissenschaft der christlichen Lehre von dem evangelischen Grundartikel aus im Abrisse dargestellt.** Leipzig: Deichert, 1905, p. 141-142. Surpreendentemente, o nome de Kähler não é mencionado na apresentação do conceito de teonomia elaborada por GRAF, F. W. **Theonomie.** Fallstudien zum Integrationsanspruch neuzeitlicher Theologie. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1989, p. 20-23.

²¹ TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913. In: HUMMEL, G.; LAX, D. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich.** Band IX: Frühe Werke, p. 273-434. Para uma análise da *Systematische Theologie* de 1913, cf. HUMMEL, G. Das früheste System Paul Tillichs: »Systematische Theologie

de 1913 consiste numa versão do princípio teórico da verdade, i.e., a ideia absoluta da verdade (*der absolute Wahrheitsgedanke*), em que momentos de absolutidade, epistemológicos e especulativos são intrinsecamente interligados. O esboço de 1913 tem sido classificado como uma fundamentação teológica baseada numa filosofia da identidade e, nesse sentido, como um modelo exemplar da “teologia pré-guerra” de Tillich.²² Esse juízo, no entanto, é apenas parcialmente correto. Como se torna prontamente perceptível, a exposição apologética do sistema ocorre em um processo triádico. Com relação à primeira posição,²³ pode-se falar de um fundamento baseado numa filosofia da identidade na medida em que, para Tillich, a ideia da verdade segue imediatamente “a identidade absoluta do pensamento e da verdade como princípio do pensamento”.²⁴ A segunda posição,²⁵ por outro lado, introduz imediatamente o contra-princípio, i.e., a “reflexão” como lugar da relatividade e da contradição.²⁶ Por fim, a terceira posição combina o ponto de vista absoluto e o relativo na síntese do paradoxo.²⁷

Com magistral destreza, Georg Neugebauer mostrou que a estrutura triádica da *Systematische Theologie* de 1913 corresponde quase exatamente à tese doutoral de 1912, que também trabalha com um processo de três etapas, simbolizado pelos termos “misticismo”, “culpa” e “síntese de misticismo e culpa”.²⁸ Há, aqui, um paralelo com a sequência dos três princípios na *Wissenschaftslehre* inicial de

von 1913«. **Neue Zeitschrift für Systematische Theologie und Religionsphilosophie**, vol. 35, Issue 2, 1993, p. 115-132; NEUGEBAUER, G. **Tillichs frühe Christologie**. Eine Untersuchung zu Offenbarung und Geschichte bei Tillich vor dem Hintergrund seiner Schellingrezeption, p. 252-292

²² DANZ, C. Glaube und Autonomie. Zur Deutung der Rechtfertigungslehre von Karl Holl und Paul Tillich. In: DANZ, C.; SCHÜßLER, W.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 1: Wie viel Vernunft braucht der Glaube? Wien: LIT Verlag, 2005, p. 159.

²³ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913, p. 278-306.

²⁴ TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913, p. 281.

²⁵ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913, p. 307-314.

²⁶ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913, p. 307-308.

²⁷ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913, p. 314-328. “O princípio inteiro, com todos os três momentos, permanece vivo em cada ponto do sistema, ainda que, a depender da situação, um momento se torne mais proeminente” (p. 318).

²⁸ Cf. NEUGEBAUER, G. **Tillichs frühe Christologie**. Eine Untersuchung zu Offenbarung und Geschichte bei Tillich vor dem Hintergrund seiner Schellingrezeption, p. 263.

Fichte,²⁹ ainda que a questão da influência da compreensão de Tillich de Schelling, frente à imagem de Fichte transmitida por Fritz Medicus, ainda constitua um desiderato da pesquisa contemporânea.³⁰ No entanto, cabe ressaltar que, em Fichte, não se trata de forma alguma do primeiro princípio sozinho, mas sim da combinação de todos os três princípios que incorporam a base do sistema.³¹ O mesmo pode ser dito sobre a introdução de Tillich das três posições que determinam o sistema teológico em geral.³² De qualquer forma, no que diz respeito ao projeto sistemático de 1913, deve-se definitivamente falar de um equilíbrio entre os componentes da filosofia da identidade e os princípios teóricos da negatividade, ou do ponto de vista da intuição e o da reflexão.³³ É somente quando os dois se unem que surge a tensão

²⁹ Que Tillich tenha se familiarizado com a *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre* (1794-1795) de Fichte, é algo que se pode perceber prontamente em seu escrito de 1906. Sobre esse ponto, cf. TILLICH, P. Fichtes Religionsphilosophie in ihrem Verhältnis zum Johannesevangelium (1906). In: HUMMEL, G.; LAX, D. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesamelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke, p. 1-19.

³⁰ Cf. GRAF, F. W.; CHRISTOPHERSEN, A. Neukantianismus, Fichte und Schellingrenaissance. Paul Tillich und sein philosophischer Lehrer Fritz Medicus. **Zeitschrift für Neuere Theologiegeschichte**, vol. 11, Issue 1, 2004, p. 52-78; NEUGEBAUER, G. Freiheit als philosophisches Prinzip – Die Fichte-Interpretation des frühen Tillich. In: STOLZENBERG, J.; RUDOLPH, O.-P. (Hg.). **Wissen, Freiheit, Geschichte**. Die Philosophie Fichtes im 19. und 20. Jahrhundert. Beiträge des sechsten internationalen Kongresses der Johann-Gottlieb-Fichte-Gesellschaft in Halle (Saale) vom 3.–7. Oktober 2006. Bd. II: Sektionen 2-6. Amsterdam; New York: Editions Rodopi B.V., 2012, p. 181-198; BOSS, M. **Au commencement la liberté**: La religion de Kant réinventée par Fichte, Schelling et Tillich. Genève: Labor et Fides, 2014, p. 325-363; DANZ, C. Freiheit als Autonomie. Anmerkungen zur Fichte-Rezeption Paul Tillichs im Anschluss an Fritz Medicus. In: DANZ, C.; HACKL, M. (Hg.). **Die Klassische Deutsche Philosophie und ihre Folgen**. Göttingen; Vienna: V&R unipress; Vienna University Press, 2017, p. 217-230.

³¹ Cf. CLAESGES, U. **Geschichte des Selbstbewusstseins**. Der Ursprung des spekulativen Problems in Fichtes Wissenschaftslehre von 1794-95. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1974, p. 39-45, esp., 43; ZÖLLER, G. **Fichte's Transcendental Philosophy**. The Original Duplicity of Intelligence and Will. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 32-38; KLOTZ, C. Fichte's Explanation of the Dynamic Structure of Consciousness in the 1794-95 *Wissenschaftslehre*. In: JAMES, D.; ZÖLLER, G. (Ed.). **The Cambridge Companion to Fichte**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 65-92.

³² Cf. TILLICH, P. Systematische Theologie von 1913, p. 328-425.

³³ Cf. TILLICH, P. Systematische Theologie von 1913, p. 283. "O pensamento encontra em si mesmo a oposição e a unidade do pensamento e da verdade" (p. 281). Sobre esse ponto, cf. DANZ, C. Theologie als normative Religionsphilosophie. Voraussetzungen und Implikationen des Theologiebegriffs Paul Tillichs. In: DANZ, C. (Hg.). **Theologie als Religionsphilosophie**: Studien zu den problemgeschichtlichen und systematischen Voraussetzungen der Theologie Paul Tillichs. Tillich-Studien. Band 9. Wien: LIT Verlag,

peculiar de sua síntese, a qual Tillich também pode descrever como o “retorno do entendimento à razão”,³⁴ ou como o momento da autos-suprassunção do ponto de vista teológico e seu retorno ao absoluto.³⁵

O aspecto mais importante a ser aqui destacado é o terceiro dos três pilares do sistema, que descreve a determinação do conceito de religião. Sua exposição é introduzida pela seção sobre “o paradoxo”.³⁶ Esse último é determinado em sua forma, tal como no *Monismusschrift*, como um princípio ao mesmo tempo crítico e formativo, e é ilustrado pela cristologia e pela doutrina da justificação. Em consonância com o propósito de lançar as bases do sistema, o horizonte de explicação volta-se agora para o geral. O paradoxo opera como a quintessência da influência de Kierkegaard sobre Tillich, e, enquanto tal, possui a função sistêmica de descrever a crítica ao sistema que é sumarizada no ponto de vista da reflexão. Enquanto princípio teológico, o paradoxo é apresentado da seguinte forma: “Os pontos de vista absoluto e relativo se opõem de tal maneira que o relativo é sustentado e destruído pelo absoluto ao mesmo tempo”.³⁷ A imputação de ambas as relações exclui duas possíveis interpretações equívocas: por um lado, que se trata de uma

2004, p. 74-80; NEUGEBAUER, G. **Tillichs frühe Christologie**. Eine Untersuchung zu Offenbarung und Geschichte bei Tillich vor dem Hintergrund seiner Schellingrezeption, p. 256-264; WITTEKIND, F., „Allein durch den Glauben“. Tillichs sinntheoretisch Umformulierung des Rechtfertigungsverständnisses 1919. In: DANZ, C.; SCHÜßLER, W. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920), p. 40-46. Por essa razão, Tillich considera a máxima de Platão “νόθι σεαυτόν” um componente elementar do pensamento apologético. Sobre esse ponto, cf. TILLICH, P. Studienjahre 1904-1914, p. 46. Isso conduz à percepção de que o espírito humano possui uma antinomia básica que se articula, de acordo com Tillich, na dualidade de intuição e reflexão. Aqui, ele se refere à distinção platônica entre νοῦς e διάνοια, cuja versão escolástica medieval é a distinção entre *intellectus* e *ratio*, e cujo equivalente moderno constitui a diferença entre razão (*Vernunft*) e entendimento (*Verstand*). Ao passo que a primeira é intuitiva, i.e., subdiscursiva, a segunda opera discursivamente. Não se deve olvidar, porém, que o desafio do autoconhecimento é igualmente típico do pensamento de Fichte. Sobre esse ponto, cf. FICHTE, J. G. **Darstellung der Wissenschaftslehre**. Aus dem Jahre 1801/1802. Hamburg: Felix Meiner, 1977, p. 22. Nesse sentido, a percepção de Tillich pode ter sido inspirada, com muita probabilidade, pelo sistema de Fichte. Cf. NEUGEBAUER, G. **Tillichs frühe Christologie**. Eine Untersuchung zu Offenbarung und Geschichte bei Tillich vor dem Hintergrund seiner Schellingrezeption, p. 256.

³⁴ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 315.

³⁵ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 327.

³⁶ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 314-317.

³⁷ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 314.

correlação de determinação formal de momentos de igual importância, e, por outro, que o elemento de negação se resume a um mero momento de passagem da mediação absoluta. A negação é, antes, suprassumida na síntese entre absoluto e relativo. No pano de fundo das reflexões de Tillich, encontram-se os modelos alternativos de síntese propostos por Fichte e Hegel, ambos considerados inadequados para o desenvolvimento da ideia do paradoxo. Contra essas alternativas, Tillich defende o modelo de uma *unidade de tensão* que preserva o sentido duradouro do momento da negação e, ao mesmo tempo, assegura o domínio do princípio de identidade. Essa contradição de concomitante afirmação e destruição “demanda uma superação em prol da absolutez do ponto de vista absoluto”.³⁸ Isso porque o ponto de vista absoluto “somente pode provar ser absoluto na medida em que aceita sua contradição” de uma forma positiva, i.e., “sem privá-la de sua autonomia dialética”.³⁹ O paradoxo é, assim, caracterizado por uma “síntese” que mantém a contradição que lhe é constitutiva, mas ao mesmo tempo prioriza o princípio da identidade como sua condição de possibilidade.⁴⁰

O equivalente teológico do paradoxo, i.e., o terceiro momento, é o ato da justificação realizado na unidade antinômica de julgamento e graça. Aqui e somente aqui a substância da ideia da justificação alcança seu lugar sistêmico. No entanto, Tillich admite que a versão da ideia da justificação por ele elaborada está “mais distante do que a usual, que se satisfaz com a equação justificação = perdão dos pecados”.⁴¹ Com efeito, no sistema de Tillich, a justificação é determinada como um paradoxo absoluto e, dessa forma, é expandida em contraposição aos estreitamentos soteriológicos representados pelo pietismo e pela teologia de Albrecht Ritschl.⁴² Já no esboço de 1913, portanto, a ideia

³⁸ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 314.

³⁹ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 314-315.

⁴⁰ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 317.

⁴¹ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 320. Tillich mostra-se consciente, com isso, de que a ideia da justificação por ele desenvolvida se distancia substantivamente daquela desenvolvida por Kähler. Para a posição de Kähler, cf. KÄHLER, M. **Die Wissenschaft der christlichen Lehre von dem evangelischen Grundartikel aus im Abrisse dargestellt**, p. 86-92.

⁴² Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 318-320. “No entanto, essa versão é mais universal, mais baseada em princípios [*prinzipieller*] e mais teórica. Em primeiro lugar, ela não se refere a pessoas individuais (pietismo), nem a uma comunidade

da justificação opera como princípio teológico⁴³ e se refere ao “estado inteiro do mundo”.⁴⁴ Isso quer dizer que ela possui uma dimensão universal, cósmica e é desdobrada em conformidade com a ideia absoluta da verdade que conforma o sistema.⁴⁵ Pode-se, portanto, falar de uma reformulação teórica ou especulativa da doutrina da justificação. De qualquer forma, é perceptível que Tillich prefere falar sobre a *ideia* da justificação (*Rechtfertigungsgedanke*), e não sobre a *doutrina* da justificação (*Rechtfertigungslehre*). Seu isomorfismo estrutural ao conceito de paradoxo consiste no fato de que, no juízo divino de tudo o que é condicionado e relativo, o condicionado e o relativo são “ao mesmo tempo absolutamente negados e absolutamente afirmados”.⁴⁶ Para Tillich, a unidade do “não” absoluto e do “sim” absoluto forma o sumário conceitual da substância do princípio da ideia da justificação. Essa ideia já havia sido mencionada em ambas as teses doutorais: na tese de 1910, ela aparece com referência a Schelling;⁴⁷ na tese de 1912, a ideia da justificação é apresentada com referência a Wilhelm Lütgert, que sinaliza a natureza do Espírito divino como “a vitória do sim sobre o não”.⁴⁸ Com isso, torna-se possível afirmar que, a partir de 1913, a construção especulativa da ideia da justificação se condensa numa fórmula fixa e passa a operar como o motivo central do pensamento de Tillich. Isso

religiosa (Ritschl), mas a um estado inteiro do mundo [*einen ganzen Weltzustand*]. Ela é inteiramente concebida por Deus; os problemas insolúveis (eleição e rejeição, garantia de salvação, etc.) que resultam da limitação ao indivíduo ou à comunidade são, assim, eliminados” (p. 320). Sobre a teoria do protestantismo da *Systematische Theologie* de 1913, cf. WITTEKIND, F. „Allein durch den Glauben“. Tillichs sinntheoretisch Umformulierung des Rechtfertigungsverständnisses 1919, esp. p. 40-46.

⁴³ “O princípio teológico como princípio geral é a justificação. O que deve ser justificado é o ponto de vista individual, o ponto de vista da reflexão; é isso que exige o paradoxo, porque é isso que exige a necessidade da reflexão, que, sem a justificação pelo absoluto, ela, a reflexão, permaneceria exposta à aniquilação pelo absoluto”. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 318.

⁴⁴ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 320.

⁴⁵ “Em contrapartida, o caminho está aberto para uma consideração universal, cósmica do cristianismo, livre para realizar a ideia de justificação em todas as áreas, que é tarefa da terceira parte do sistema teológico”. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 320.

⁴⁶ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 318.

⁴⁷ Cf. TILLICH, P. *Die religionsgeschichtliche Konstruktion in Schellings positiver Philosophie, ihre Voraussetzungen und Prinzipien* (1910), p. 187.

⁴⁸ TILLICH, P. *Mystik und Schuldbewußtsein in Schellings philosophischer Entwicklung* (1912), p. 40, nota 20.

implica dizer que, onde quer que o binômio “sim-não” apareça, o que está em questão, quer de forma explícita ou implícita, é uma teologia *cosmológica* da justificação.⁴⁹ Nesse sentido, o potencial especulativo dessa formulação teórica vai muito além da esfera do problema que inicialmente se poderia associar a ela.⁵⁰

Assim como no *Monismusschrift* de 1908, também pode-se encontrar no esboço de 1913 uma segunda forma fundamental de expressão do paradoxo, a saber, a cristologia. O que antes era formulado mais teticamente, agora recebe sua diferenciação e justificação conceitual. Primeiro, ambos os paradoxos não estão no mesmo nível sistemático para Tillich. Em vez disso, o princípio paradoxal da justificação possui evidente prioridade. Posto de outra forma, a justificação, enquanto princípio *material* da teologia, constitui o aspecto superordenado em oposição à cristologia, que possui o estatuto sistêmico de princípio *formal*. Isso quer dizer, como afirma Tillich, que mesmo “o juízo cristológico está sujeito à ideia da justificação”.⁵¹ Para Tillich, essa superordenação não resulta de forma alguma de razões de conteúdo, mas apenas da importância estrutural do princípio da justificação. Na ideia da justificação, o princípio teológico possui um caráter “universal”.⁵² A cristologia, por sua vez, descreve a presentificação do “momento concreto” do princípio universal.⁵³ Com a determinação da concretude do universal, Tillich intenciona descrever as condições de possibilidade do discurso teológico sobre a doutrina da encarnação na modernidade.

⁴⁹ No prefácio ao compêndio *The Protestant Era*, Tillich corrobora esse juízo: “It is this radical and universal interpretation of the doctrine of justification through faith which has made me a conscious Protestant. Strictly theological arguments for this idea are given in an early German article which I mention mainly because of its title: ‘Rechtfertigung und Zweifel’ (‘Justification and Doubt’). In that article (which does not appear in the present volume) the conquest of the experience of meaninglessness by the awareness of the paradoxical presence of ‘meaning in meaninglessness’ is described. References to this idea are given wherever the Protestant principle is mentioned”. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. xv.

⁵⁰ Cf. WITTEKIND, F. „Allein durch den Glauben“. Tillichs sinntheoretisch Umformulierung des Rechtfertigungsverständnisses 1919, p. 39-65; DANZ, C. „Alle Linie gipfeln in der Religion des Paradoxes“. Tillichs religionsgeschichtliche Konstruktion der Religionsphilosophie. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920), p. 215-231.

⁵¹ TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 322.

⁵² TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 318.

⁵³ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 321.

Em linguagem teológica, o “universal concreto” possui a função de descrever que, no evento de Jesus como o Cristo, o paradoxo da história torna-se transparente para o espírito humano. Nesse sentido, a ideia da justificação e a cristologia estão relacionadas como “certeza abstrata” e “certeza relativa, mas concreta a cada momento”.⁵⁴ É, pois, somente por meio dessa gradação que a ideia da justificação pode ser elevada à categoria que a qualificará como princípio protestante.

A partir da subordinação do princípio formal, irrompe, ao mesmo tempo, um critério para a implementação da cristologia. Para Tillich, a cristologia somente adquire uma determinação sistêmica adequada quando se articula como um “sermão da cruz”. Por meio dessa articulação, a cristologia torna-se capaz de tematizar o elemento de negação do paradoxo. “Morre na cruz todo o concreto que quer se tornar absoluto, inclusive a concretude do Redentor”.⁵⁵ A herança de Lutero e Kierkegaard é inserida, dessa forma, no quadro referencial de uma filosofia especulativa. Nesse sentido, a cristologia madura de Tillich é inevitavelmente abreviada quando interpretada primariamente nos termos da ideia do *Logos*, do conceito teológico-revelacional da história, ou mesmo da categoria do “Novo Ser”. A *theologia crucis* constitui parte integrante da “cristologia da imagem” elaborada por Tillich.⁵⁶ As exposições frequentemente esquecidas, mas, do ponto de vista sistemático, extremamente importantes, formuladas por Tillich na parte final dos prolegômenos da *Systematic Theology* estadunidense, impedem uma

⁵⁴ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913, p. 323. “A cristologia tem realização concreta e a devolve à justificação e à sua absolutez abstrata. A fé tem sua certeza absoluta, mas abstrata na justificação; na cristologia, sua certeza relativa, mas concreta a cada momento; no entanto, ambas conduzem a uma unidade em que o absoluto se tornou concreto e o concreto se tornou absoluto, o terceiro momento infinito do princípio teológico” (p. 323)

⁵⁵ TILLICH, P. *Systematische Theologie* von 1913, p. 322.

⁵⁶ Sobre a “cristologia da imagem” (*Bild-Christologie*) de Tillich, cf. DANZ, C. **Grundprobleme der Christologie**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013b, p. 146-151. A *Bild-Christologie* de Tillich encontra antecedentes importantes em Friedrich Schleiermacher (p. 118-123) e, sobretudo, David Friedrich Strauß (p. 123-128). A influência da cristologia de Strauß é decisiva para o desenvolvimento da teologia protestante subsequente. Cf. DANZ, C. **Grundprobleme der Christologie**, p. 128-141. Kähler, em debate com a pesquisa contemporânea do Jesus histórico, também assume uma cristologia da imagem. Sobre esse ponto, cf. LINK, H.-G. **Geschichte Jesu und Bild Christi**. Die Entwicklung der Christologie Martin Käblers in Auseinandersetzung mit der Leben-Jesu-Theologie und der Ritschl-Schule. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1975, p. 248-255.

abreviação arbitrária de sua cristologia na medida em que literalmente entrelaçam a teologia da cruz e a teoria dos símbolos.⁵⁷

Não deixa de causar curiosidade, entretanto, o fato de que, no esboço de 1913, a palavra “protestantismo” não apareça uma única vez,⁵⁸ embora seu artigo básico seja amplamente discutido e avaliado.

⁵⁷ Cf. TILLICH, P. **Systematic Theology**. Vol. I: Reason and Revelation, Being and God. Chicago: The University of Chicago Press, 1951, p. 147-155. “The New Being in Jesus as the Christ is the paradox of the final revelation. The words of Jesus and the apostles point to this New Being; they make it visible through stories, legends, symbols, paradoxical descriptions, and theological interpretations. But none of these expressions of the experience of the final revelation is final and absolute in itself. They are all conditioned, relative, open to change and additions [...] The absolute side of the final revelation, that in it which is unconditional and unchangeable, involves the complete transparency and the complete self-sacrifice of the medium in which it appears. Every concrete occurrence in the event Jesus as the Christ discloses these qualities” (p. 151-152). A figura do completo autossacrifício e transparência do *medium* da revelação final retoma, evidentemente, a figura da autoaniquilação do condicionado elaborada no texto *Kairos*, de 1922. Cf., aqui, TILLICH, P. *Kairos* (1922). In: CLAYTON, J. P. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 53-72, esp., p. 63. O artigo de 1922 é, portanto, o texto mais antigo da coletânea. Para breves considerações sobre o tema do *Kairos* no escopo da teologia da cultura e dos símbolos, cf. ABREU, F. H. „denn der tragende Gehalt der Kultur ist die Religion und die notwendige Form der Religion ist die Kultur“. Considerações sobre os fundamentos teórico-conceituais e sistemáticos da teologia da cultura de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 20, no. 2, 2021a, p. 41-42, nota 82.

⁵⁸ Mesmo declarações sobre a Reforma no sistema de 1913 são escassas. A despeito disso, porém, é possível identificar traços essenciais da imagem de Tillich da Reforma que permanecem relativamente constantes em seu trabalho subsequente. No parágrafo 26 da *Systematische Theologie*, que traz o título *Die historische Begründung des christologischen Urteils* (cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 323), Tillich faz referência à história do cristianismo e, nesse contexto, tece algumas considerações sobre a Reforma. Como afirma: “No entanto, as forças do princípio teológico, preservadas na Escritura, reagiram na Reforma contra a dependência de certos momentos culturais”. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 325. O movimento reformatório é interpretado, aqui, como a transparência da síntese absoluta intrínseca ao princípio teológico, que, com efeito, entrou na história com Cristo, mas foi obliterada pelo catolicismo. Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 319. Para Tillich, irrompe, na Reforma de Lutero, o princípio teológico em seu momento absoluto. No entanto, e aqui jaz o núcleo da crítica implicada no conceito de uma revelação universal, que Tillich esposa, o princípio teológico foi soteriológicamente restrito pelo teólogo de Wittenberg. Com isso, na história subsequente do protestantismo, a formulação unilateral do princípio teológico foi reduzida ao princípio escriturístico enquanto um novo “sistema concreto-absoluto”. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 325. Esse princípio, como se sabe, foi implodido pela força da crítica histórica. Tillich descreve expressamente a interpretação da Reforma aqui indicada, o que equivale à exigência de enquadrar a justificação não como um princípio soteriológico, mas universal, cosmológico, como a “justificação histórico-dogmática do presente empreendimento” (TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*,

Essa “supressão” é completamente alterada a partir do estudo *Rechtfertigung und Zweifel*, de 1919, que Tillich redigiu a fim de se apresentar à Universidade de Berlim, que o havia admitido como *Privatdozent* no início do mesmo ano.⁵⁹ O esboço de 1919 foi retomado e reformulado na conferência de Gießen, de 1924, após a disputa sobre o conceito do paradoxo travada com Karl Barth e Friedrich Gogarten nas páginas do periódico *Theologische Blätter*, em 1923.⁶⁰ A despeito da centralidade desse estudo no desdobramento da obra de Tillich,⁶¹ são os pressupostos

p. 325), i.e., de seu próprio sistema. Sobre esse ponto, cf. DANZ, C. Crítica e formação: a interpretação do protestantismo por Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 19, no. 2, 2020, p. 7-16.

⁵⁹ Cf. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919). 1. und 2. Version. In: STURM, E. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band X: Religion, Kultur, Gesellschaft. Unveröffentlichte Texte aus der deutschen Zeit (1908-1933). Erster Teil, p. 127-230. Cf. WENZ, G. *Rechtfertigung und Zweifel*. Tillichs Entwurf zur Begründung eines theologischen Prinzips von 1919 im halle-wittenbergischen Kontext. In: DANZ, C.; SCHÜßLER, W. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920), p. 85-116. Para o contexto da reabilitação de Tillich, cf. STURM, E. An der engen Pforte der historischen Methode vorbei... Paul Tillichs Habilitation in Halle (1916) und seine Umhabilitierung nach Berlin (1919) und Marburg (1924). In: DANZ, C.; DUMAS, M.; SCHÜßLER, W.; STENGER, M. A.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 10: Ethics and Eschatology. Berlin; Boston: de Gruyter, 2015, p. 273-331.

⁶⁰ Cf. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1924). In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band VIII: Offenbarung und Glaube. Schriften zur Theologie II. Stuttgart: Evangelischen Verlagswerk, 1970, p. 85-100.

⁶¹ Para uma análise do texto *Rechtfertigung und Zweifel*, de 1924, cf. WITTEKIND, F. Grund- und Heilsoffenbarung. Zur Ausformung der Christologie Tillichs in der Auseinandersetzung mit Karl Barth. In: DANZ, C.; SCHÜßLER, W.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 6: Jesus of Nazareth and the New Being in History. Berlin; Boston: de Gruyter, 2013, p. 89-119. O ponto da reformulação do esboço de 1919 – até agora, somente analisada por Wittekind – é a introdução, na versão publicada de 1924, da distinção categorial entre “revelação fundamental” (*Grundoffenbarung*) e “revelação salvífica” (*Heilsoffenbarung*). Com essa distinção, Tillich delimita com mais precisão seu conceito de uma revelação universal – que o conecta à teologia positiva-moderna de seus professores Adolf Schlatter e Wilhelm Lütgert – frente à crítica de Barth (cf. BARTH, K. Von der Paradoxie des „positiven Paradoxes“. Antworten und Fragen an Paul Tillich. In: CLAYTON, J. P. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 104: „[...] diese breite allgemeine Glaubens- und Offenbarungswalze“) e à restrição da revelação divina à revelação salvífica em Cristo, tal como proposta por Ritschl e sua escola, o que também inclui Barth. Sobre esse ponto, cf. WITTEKIND, F. **Geschichtliche Offenbarung und die Wahrheit des Glaubens**: der Zusammenhang von Offenbarungstheologie, Geschichtsphilosophie und Ethik bei Albrecht Ritschl, Julius Kaftan und Karl Barth (1909-1916). Tübingen: Mohr Siebeck, 2000, p. 146-252. A partir de uma análise dos pressupostos teóricos da teologia da revelação de Tillich, no entanto,

metodológicos tratados no esboço de 1919 que devem ocupar a reflexão aqui. Tillich fala, já no exórdio de seu estudo, de um “duplo problema básico”,⁶² cujas linhas de pensamento se entrecruzam de muitas maneiras. Um lado diz respeito à “situação problemática do protestantismo contemporâneo”,⁶³ o outro se refere ao problema dogmático interno de saber se o protestantismo possui, de fato, um princípio uniforme.

O *Leitmotiv* para a reformulação da doutrina da justificação⁶⁴ é a chamada “doutrina dos dois princípios” surgida no século XIX, se-

a crítica de Barth se mostra insustentável. Sobre esse ponto, cf. ABREU, F. H. „denn der tragende Gehalt der Kultur ist die Religion und die notwendige Form der Religion ist die Kultur“. Considerações sobre os fundamentos teórico-conceituais e sistemáticos da teologia da cultura de Paul Tillich, p. 30, nota 58. Sobre a disputa com Karl Barth, cf. DANZ, C. Die Religion in der Kultur. Karl Barth und Paul Tillich über die Grundlagen einer Theologie der Kultur. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur: Aspekte, Probleme, Perspektiven**. Berlin; Boston: de Gruyter, 2011, p. 211-227. Para a disputa sobre o paradoxo, cf. TILLICH, P. Kritisches und positives Paradox. Eine Auseinandersetzung mit Karl Barth und Friedrich Gogarten (1923). In: CLAYTON, J. P. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften, p. 91-98; BARTH, K. Von der Paradoxie des „positiven Paradoxes“. Antworten und Fragen an Paul Tillich, p. 98-109; TILLICH, P. Antwort. In: CLAYTON, J. P. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften, p. 109-112; GOGARTEN, F. Zur Geisteslage des Theologen. Noch eine Antwort an Paul Tillich. In: CLAYTON, J. P. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften, p. 114-116.

⁶² TILLICH, P. Rechtfertigung und Zweifel (1919), p. 185.

⁶³ TILLICH, P. Rechtfertigung und Zweifel (1919), p. 129.

⁶⁴ As pressuposições da reformulação da doutrina da justificação podem ser encontradas nas correspondências entre Tillich e Emanuel Hirsch entre 1917 e 1918. Sobre esse ponto, cf. TILLICH, P. Paul Tillich – Emanuel Hirsch. Die große religionsphilosophische Debatte. In: ALBRECHT, R.; TAUTMANN, R. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band VI: Briefwechsel und Streitschriften. Theologische, philosophische und politische Stellungnahmen und Gespräche, p. 95-136. Cf., igualmente, a carta de Tillich à Maria Klein, de 5 de dezembro de 1917, em TILLICH, P. Paul Tillich an Maria Klein: Geburtstags-, Weihnachts- und Neujahrsbrief. 5.XII.1917. In: ALBRECHT, R.; HAHL, M. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band V: Ein Lebensbild in Dokumenten: Briefe, Tagebuch-Auszüge, Berichte, p. 120-121. Para uma análise das consequências desses pressupostos, cf. DIERKEN, J. Gewissheit und Zweifel. Über die religiöse Bedeutung skeptischer Reflexion. In: DANZ, C. (Hg.). **Theologie als Religionsphilosophie**. Studien zu den problemgeschichtlichen und systematischen Voraussetzungen der Theologie Paul Tillichs, p. 107-133; DIERKEN, J. Negativität im Selbstverhältnis. In: BARTH, U.; DANZ, C.; GRÄB, W.; GRAF, F. W. (Hg.). **Aufgeklärte Religion und ihre Probleme**. Schleiermacher – Troeltsch – Tillich. Berlin; Boston: de Gruyter, 2013, p. 168-171; ABREU, F. H. Símbolo como linguagem da religião: fundamentos da teoria dos símbolos no âmbito da teoria da religião de Paul Tillich. In: TADA, E. S.; SOUZA, V. C. (Org.). **Paul Tillich e a linguagem da religião**. Santo André: Kapenke, 2018, p. 466-535.

gundo a qual a doutrina das Sagradas Escrituras representa o princípio formal, ao passo que a doutrina da justificação representa o princípio material do protestantismo. Tillich considera a localização teórica da questão fundamentalmente correta, mas a resposta dada está errada. Ele compartilha a visão de Ritschl, que é crítico da tradição, de que a doutrina da justificação no protestantismo antigo (*Altprotestantismus*) não alcançou a posição dominante que Lutero pretendia para ela. Pelo contrário. A doutrina da justificação foi, antes, suplantada pelo princípio escriturístico (*Schriftprinzip*) pós-reformatório, de modo que se tornou um princípio entre outros. Por outro lado, Tillich acusa os representantes da escola Ritschl de serem capazes de manter a doutrina da justificação em sua mais elevada posição sistêmica, mas apenas ao preço da submissão de sua implementação a premissas heterogêneas. “No entanto”, afirma Tillich, “jaz na essência do princípio que ele não pode desenvolver quaisquer pressupostos, mas apenas consequências em si mesmo”.⁶⁵ Tillich reconhece o direito parcial de uma doutrina dos dois princípios. Isso porque o artigo da justificação, que visa à certeza individual, precisa ser ancorado “objetivamente” a fim de não se tornar completamente subjetivo. Nesse sentido, é necessário um princípio “que contenha todas as formas possíveis de subjetividade sob si, sem que ele mesmo seja tocado pela subjetividade”.⁶⁶ Do ponto de vista da modernidade crítica, porém, o princípio escriturístico já não pode ser mais considerado adequado para desempenhar essa função. Por um lado, a pesquisa histórico-crítica da Bíblia dissolveu absolutamente sua posição tradicional; por outro, seu estabelecimento como um corretivo de nível equivalente conduz a um óbvio dualismo de princípios. No entanto, precisamente uma posição dualista é inaceitável já por razões puramente lógicas. “De dois alegados princípios, apenas um pode verdadeiramente ser um princípio, ou nenhum”.⁶⁷ Inversamente, deve-se ter em mente, também por razões lógicas, que nada decorre de um único princípio sozinho. Consequentemente, apenas um “monismo” que “se atualiza dualisticamente” irrompe como o princípio estrutural

⁶⁵ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 142.

⁶⁶ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 134.

⁶⁷ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 133.

adequado do protestantismo.⁶⁸ É exatamente nesse ponto que a ideia do paradoxo, sistematizada já em 1913, é introduzida. Isso porque ela cumpre não apenas a última condição estabelecida, mas também todas as anteriormente mencionadas. Para Tillich, o caráter híbrido monista-dualista do paradoxo absoluto é também a razão decisiva pela qual ele concorda com a tese de Ritschl de que o juízo divino da justificação possui um caráter “sintético”. Na versão mais precisa dessa categoria, agora expressamente designada como o “princípio do protestantismo”,⁶⁹ Tillich confere acentos bastante distintos da versão apresentada pelo sistema de 1913.

Como é bem conhecido, Lutero definiu o conceito de justificação, de forma mais detalhada, em dois dispositivos: por um lado, como “justificação pela fé somente”, por outro, como “justificação pela graça somente”. A primeira disposição é decisiva para a classificação da ideia do paradoxo no presente contexto. Para Tillich, o “não” absoluto ao pecado e o “sim” absoluto à pessoa do pecador – *simul iustus et peccator* – apenas descrevem a “substância última”⁷⁰ do ato divino unificado, e não a forma como esse ato é elevado à consciência na posição do sujeito finito. Isso, por sua vez, significa que o princípio do protestantismo não é o ato divino da justificação em si, porque a consciência finita não é capaz de se elevar ao “ponto de vista de Deus”.⁷¹ Pelo contrário, essa função do princípio pertence à fé na justificação, não como se essa pudesse justificar o juízo divino, mas certamente na medida em que, ela, a fé, é determinada como um ato inderivável de consentimento incondicional. Nas palavras de Tillich, a fé é “o reconhecimento do paradoxo”,⁷² do julgamento divino que vem “sobre mim”.⁷³ Na medida em que esse ato divino é sempre provido da “frase pessoal subjetiva ‘para nós’”, seu reconhecimento “crente” (*gläubig*) invariavelmente traz a marca do “paradoxo pessoal”.⁷⁴ Nesse sentido, o paradoxo da fé na

⁶⁸ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 134.

⁶⁹ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 129.

⁷⁰ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 141.

⁷¹ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 141.

⁷² TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 136.

⁷³ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 142.

⁷⁴ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 139.

justificação somente é capaz de representar o princípio do protestantismo como uma unidade dialética de subjetividade e “objetividade”.

O outro lado da descrição do problema da exposição, o do diagnóstico temporal ou da teoria da modernidade – i.e., a função sistêmica da “dúvida” –, também se orienta para o problema da unidade, mas agora no que diz respeito à situação cultural do protestantismo moderno (*Neuprotestantismus*). Tal como Dilthey e Troeltsch, Tillich compreende o protestantismo e a cultura moderna como caracterizados por uma contradição fundamental, i.e., pelo contraste entre os elementos sobrenaturais-transcendentes e racionais-imanentes. Tillich é da opinião de que essa contradição é impossível de ser superada, seja retornando a um princípio comum, seja apontando para convergências de conteúdo. Isso porque ambas as formações são caracteristicamente muito diferentes para que uma base comum seja nomeada. É por isso que Tillich se direciona para o desenvolvimento de uma mediação *desde abaixo do limiar dessa oposição*, ou seja, uma mediação a partir do incondicionado. O princípio discutido do protestantismo deve constituir o ponto de partida para isso. Sua própria dialética deve “ser levada a um ponto em que possa se tornar o princípio religioso da consciência cultural moderna”.⁷⁵ O ponto de contato por parte da consciência cultural da autonomia é formado pela liberdade formal ou “negação que jaz no subjetivo” na forma de sua “culminância máxima”.⁷⁶ Tillich se vale, aqui, do termo hegeliano “negatividade absoluta” para descrever essa versão do conceito de subjetividade. Somente quando a liberdade formal se vê completamente vazia, pode ela se unir àquela substância absoluta para a qual a consciência religiosa aponta como seu fundamento. Nesse ponto, o inverso também se aplica: somente na medida em que essa negatividade é assumida como algo “positivo, é que ela mesma se qualifica para a afirmação [*Position*]”.⁷⁷ O conflito parasitário entre o protestantismo eclesial e a cultura secular alcança, assim, uma solução sistemática. Como afirma Tillich, a “infinita subjetividade da vida espiritual moderna” torna-se um “momento do próprio princípio religioso”.⁷⁸ A religião, por sua vez,

⁷⁵ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 187.

⁷⁶ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 131.

⁷⁷ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 131.

⁷⁸ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 183.

emerge do feitiço da heteronomia e se torna “aberta ao influxo de todo tipo de espírito criativo”.⁷⁹ Para explicar essa estrutura de mediação, que é apenas insinuada no estudo de 1919, Tillich se refere à sua palestra sobre “teologia da cultura”, que ele havia proferido em abril do mesmo ano à Sociedade Kantiana de Berlim.⁸⁰

2. Crítica e formação; ou, sobre a determinação da essência do protestantismo

No transcurso da década de 1920, Tillich reformula seu conceito de religião a partir dos influxos do neokantismo e da fenomenologia de Husserl. A determinação especulativa do conceito de religião, nos termos do paradoxo ou do retorno do relativo ao absoluto,⁸¹ é substituída por uma estrutura teórica que situa a religião na própria autorrelação paradoxal da consciência. Os traços distintivos do novo conceito de religião podem ser apreendidos por meio das categorias que, agora, alcançam proeminência: incondicionado, sentido (*Sinn*), substância e forma (*Gehalt-Form*), demônico, símbolo, *kairos* e teonomia. Com o conceito de incondicionado, Tillich descreve a estrutura fundacional da autorrelação espiritual, cuja circularidade reflexiva, i.e., o paradoxo originário do espírito, a caracteriza como fundamento (*Grund*) e abismo (*Abgrund*) de todas as determinações da consciência. A teoria da religião de Tillich descreve, dessa forma, a estrutura antinômica da autorrelação e o desvelamento reflexivo da dimensão de incondicionalidade do espírito. “A religião”, como postula a nova determinação, “é o direcionamento ao incondicionado”.⁸² Essa nova determinação do

⁷⁹ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 183.

⁸⁰ Cf. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 183-184. Sobre os contornos teóricos fundamentais da teologia da cultura de Tillich, cf. ABREU, F. H. „denn der tragende Gehalt der Kultur ist die Religion und die notwendige Form der Religion ist die Kultur“. Considerações sobre os fundamentos teórico-conceituais e sistemáticos da teologia da cultura de Paul Tillich, p. 11-54.

⁸¹ Cf. TILLICH, P. *Systematische Theologie von 1913*, p. 314-317.

⁸² TILLICH, P. Über die Idee einer Theologie der Kultur. In: RADBRUCH, G.; TILLICH, P. (Hg.). **Religionsphilosophie der Kultur**. Zwei Entwürfe von Gustav Radbruch und Paul Tillich. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968, p. 35. Para uma reconstrução do conceito de religião elaborado por Tillich no transcurso da década de 1920, cf. ABREU, F. H. “Richtung auf das Unbedingte” and “Self-Transparency”: The Foundations of Paul Tillich’s Philosophy of Spirit, Meaning, and Religion (1919-1925). **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 16, no. 1, 2017, p. 5-97.

conceito de religião também traz consigo, *ipso facto*, uma reformulação da construção especulativa do princípio teológico. Esse agora descreve, em todos os seus três momentos tomados conjuntamente, a estrutura da justificação.⁸³ A ideia da justificação não é mais, portanto, identificada com o momento da síntese especulativa do paradoxo *apenas*, como no sistema de 1913. A formulação universal e cosmológica da ideia da justificação a descreve, antes, como um ato inderivável de reflexividade na autorrelação da consciência.

A nova fundamentação transcendental da teoria da religião de Tillich também tem a função de criticar conceitos de religião articulados a partir *das funções* transcendentais do espírito.⁸⁴ A religião não se fundamenta numa função especial da cultura, mas na síntese das próprias funções transcendentais da consciência.⁸⁵ “O pressuposto dessa concepção”, diz Tillich em seu *Wissenschaftssystem* de 1923,

⁸³ Cf. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), esp. p. 183-184. “O elemento concreto do princípio teológico está subordinado ao absoluto. Ele é negado e afirmado ao mesmo tempo pelo absoluto no processo religioso da vida e, assim, conduzido sempre a novas sínteses criativas. Uma vinculação autoritativa é excluída. Não há meio absoluto de revelação no sentido supranatural e, portanto, nenhuma limitação do processo religioso em qualquer direção. Isso também elimina a dicotomia entre religião e cultura [...] Dessa forma, porém, a oposição entre o profano e o sagrado é fundamentalmente abolida. Tudo é profano, isto é, autonomamente justificado, e tudo é religioso, ou seja, está sujeito ao paradoxo absoluto. Uma unidade completa toma o lugar da discórdia, correspondendo à exigência que idealmente suscita o terceiro momento do princípio teológico. Seu cumprimento infinito é dado pela teologia da cultura, a apresentação da substância religiosa [*religiösen Gehaltes*] contida em toda criação cultural, a revelação do paradoxo absoluto no processo espiritual em geral”. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 183-184.

⁸⁴ A crítica de Tillich encontra fortes paralelos na constelação de problemas dos neokantismos. Tanto Wilhelm Windelband quanto Hermann Cohen submetem conceitos de religião articulados a partir das faculdades transcendentais da consciência à crítica. Sobre esse ponto, cf. WINDELBAND, W. *Das Heilige. Skizze zur Religionsphilosophie*. In: **Präludien: Aufsätze und Reden zur Einleitung in die Philosophie**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1907, p. 414-450; COHEN, H. **Der Begriff der Religion im System der Philosophie**. Gießen: Alfred Töpelmann, 1915. Já em sua tese doutoral em filosofia, de 1910, o jovem Tillich, como Schelling, explica que o conceito de Deus é a base do conceito de religião: “A essência da religião não se encontra em nenhuma forma de atividade espiritual [*Geistestätigkeit*], mas na qualidade espiritual [*Geistigkeit*] do homem enquanto tal”. TILLICH, P. *Die religionsgeschichtliche Konstruktion in Schellings positiver Philosophie, ihre Voraussetzungen und Prinzipien* (1910), p. 233.

⁸⁵ Cf. TILLICH, P. *Religionsphilosophie*. (Sommersemester 1920). In: STURM, E. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band XII: *Berliner Vorlesungen I* (1919-1920). Berlin; New York: de Gruyter, 2001, p. 344-346.

“é o reconhecimento de que a religião não é uma esfera de sentido ao lado de outras, mas uma atitude em todas as esferas: o direcionamento imediato ao incondicionado”.⁸⁶ No entanto, a religião somente evade sua determinação como uma esfera ao lado de outras esferas culturais se for entendida como um evento no espírito e nas funções de sentido do espírito. Esse evento no espírito, que Tillich descreve como direcionamento ao incondicionado, pode ser descrito mais precisamente como o evento em que o espírito se torna transparente para si mesmo em sua atividade cultural e se autoapreende em sua dimensão de profundidade. Na medida em que esse evento somente pode ocorrer por meio das funções teóricas e práticas da consciência, essas se tornam o *medium* da estrutura de profundidade do espírito. Na religião, as formas culturais concretas postas pela consciência são, ao mesmo tempo, afirmadas e negadas. Por meio dessa dialética de afirmação e negação das formas concretas, essas se tornam símbolos através dos quais o incondicionado é intencionado.⁸⁷ Assim, a religião universal, definida nos termos de uma teologia cosmológica da justificação, consiste na passagem da consciência cultural à *intenção* do incondicionado (*Meinen des Unbedingten*).⁸⁸ É com base nessa nova determinação do conceito de religião que Tillich se volta, agora, para o problema da realização

⁸⁶ TILLICH, P. *Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden* (1923). In: WENZ, G. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 1: Philosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1989, p. 209.

⁸⁷ Cf. ABREU, F. H. Religião como sistema de autointerpretação simbólica: os fundamentos da teoria dos símbolos de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 18, no. 1, 2019, p. 5-40.

⁸⁸ cf. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 176. Tillich esclarece a função do conceito fenomenológico de intenção (*Meinen*) – empregado de modo intercambiável com o conceito de direcionamento (*Richtung*) – no âmbito de sua teoria da religião da seguinte forma: “Não há ato da fé com todo o seu complexo de atividades atuais do espírito [*aktuellen Geistestätigkeiten*] que não seja condicionado e apenas agarre o incondicionado em, com e sob essa condicionalidade. O conceito de ‘intenção’ [*Meinens*] utilizado pela escola fenomenológica esclarece essa relação. Um conceito ‘intenciona’ algo, visa algo, e aquilo que é intencionado [*Gemeinte*] é algo bem diferente da representação [*Vorstellung*] através da qual é intencionado [*gemeint wird*]. É assim que o incondicionado é intencionado nas representações condicionadas”. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 176. Sobre a apropriação da fenomenologia de Husserl operada por Tillich, que, todavia, ainda constitui um desiderato da pesquisa contemporânea, cf. NEUGEBAUER, G. *Die geistphilosophischen Grundlagen der Kulturtheologie Tillichs vor dem Hintergrund seiner Schelling- und Husserlrezeption*. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur: Aspekte, Probleme, Perspektiven**, p. 38-63.

concreta do princípio protestante. Aqui, as dificuldades conceituais e sistemáticas por ele enfrentadas são muito mais complexas, especialmente quando se tem em mente o desenvolvimento da história da obra.

Em primeiro lugar, de acordo com o diagnóstico de Tillich, as causas dessa dificuldade não possuem suas raízes no tempo presente, mas remontam à própria Reforma. Como *topos* de sua análise, Tillich assume o segundo dos já mencionados dispositivos do artigo principal de Lutero: a saber, a “justificação pela graça somente”, sem obras da lei. Essa definição descreve, de um modo formal, que o “novo” irrompe estruturalmente na condição de um “corretivo” crítico, não apenas no sentido de uma extensão ou suplemento, mas como um “contraste”. Para Tillich, o efeito “anulador” do dispositivo da justificação pela graça somente, contudo, não está completo. Isso porque toda antítese – a saber, a irrupção do novo – sempre traz consigo seu inverso, i.e., aquilo a que se opõe.⁸⁹ Seu conteúdo positivo é “condicionado”, dessa forma, pela “relação negativa” ao que “se opõe”. Aquilo que é não apenas accidental, mas essencialmente negado, é, do mesmo modo, “ao mesmo tempo”, essencialmente “pressuposto”.⁹⁰ A deficiência formal da máxima “*sola gratia*” – o *articulus stantis et cadentis ecclesiae* – é que esse princípio “não descreve o todo”,⁹¹ mas se mostra condicional frente àquilo que nega. Essa objeção lógica à doutrina da justificação não é, contudo, uma descoberta de Tillich. Ela já se encontra problematizada, por exemplo, em Fichte.⁹² Tillich, no entanto, agrava o problema de outra forma. Para Lutero, a lei não era apenas o oposto conceitual da graça, mas também o pressuposto real para sua realização. Nesse ponto, Tillich tematiza a real dificuldade de evadir essa condicionalidade. Se a estrutura antinômica de lei e graça é relacionada à sua realização, então a “negação da própria pressuposição”, i.e., a lei, significaria, inevitavelmente, a “negação da realização”.⁹³ Essa consequência somente poderia ser evitada

⁸⁹ Os pressupostos da disputa sobre o paradoxo e a crítica de Tillich à teologia de Barth são, aqui, mais que evidentes. Sobre esse ponto, cf. TILLICH, P. *Kritisches und positives Paradox. Eine Auseinandersetzung mit Karl Barth und Friedrich Gogarten* (1923), p. 91-98.

⁹⁰ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1924), p. 86.

⁹¹ TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1924), p. 87.

⁹² Cf. BAYER, O. *Martin Luthers Theologie: Eine Vergegenwärtigung*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007, p. 89.

⁹³ TILLICH, 1970, p. 88.

se a graça pudesse ser realizada independentemente da lei. No entanto, isso invalidaria o conteúdo da fórmula original. Assim, a questão da realização do princípio protestante já se revela como uma aporia para o próprio Lutero. Tal aporia somente poderia ser refutada por meio de outros pressupostos adicionais. Não causa surpresa, portanto, que nos debates da década de 1920, a aporia subjacente ao dispositivo da “justificação pela graça somente” tenha se tornado o problema central em quase todas as determinações da essência do protestantismo.

É mérito de Christian Danz haver demonstrado que a *Lutherrenaissance*, liderada por Karl Holl, tenha provavelmente constituído o desafio teórico mais relevante para Tillich,⁹⁴ especialmente porque essa encontrou em Emanuel Hirsch – o amigo dos dias da *christlichen Studenten-Verbindung* “*Wingolf*”, de Berlim,⁹⁵ e antípoda durante os anos de efervescência política – um defensor proeminente.⁹⁶ Tillich reconhece, sem reservas, as realizações acadêmicas de Holl, ao mesmo tempo que aprecia sua tentativa de ler a doutrina da justificação de Lutero no sentido moderno, i.e., enquanto o fundamento de uma subjetividade ético-religiosa. No entanto, a reelaboração da doutrina da justificação na *Lutherrenaissance* liderada por Holl não é, para Tillich, suficiente. Isso porque, no juízo de Tillich, Holl pressupõe a relevância atual desse artigo como um dado, em vez de desenvolvê-lo a partir de uma análise da situação cultural atual.⁹⁷ Para Tillich, em contrapartida, é imprescindível apresentar o “princípio da irrupção do protestantismo” como o “princípio de irrupção da nossa situação espiritual”.⁹⁸

No entanto, qual o sentido da metáfora “irrupção” (*Durchbruch*), que Tillich emprega como *terminus technicus* em uma ampla varieda-

⁹⁴ Cf. DANZ, C. Glaube und Autonomie. Zur Deutung der Rechtfertigungslehre von Karl Holl und Paul Tillich, p. 159-174.

⁹⁵ Cf. NEUGEBAUER, G. Δι' ἐνὸς πάντα – Tillich im Wingolf. In: DANZ, C.; DUMAS, M.; SCHÜBLER, W.; STENGER, M. A.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 11: Faith in Post-Modernity. Berlin; Boston: de Gruyter, 2016, p. 149-173.

⁹⁶ Cf. SCHELIHA, A. v. Die Rechtfertigungslehre bei Paul Tillich und Emanuel Hirsch. Problemgeschichtliche Perspektiven und systematische Entscheidungen. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920), p. 67-84.

⁹⁷ Cf. TILLICH, P. Der Protestantismus als kritisches und gestaltendes Prinzip, p. 34.

⁹⁸ TILLICH, P. Rechtfertigung und Zweifel (1924), p. 85.

de de contextos no transcurso da década de 1920?⁹⁹ Se seu sentido se esgotasse na característica negativa da mera quebra, como o equívoco léxico de Tillich inicialmente sugeria,¹⁰⁰ pouco se ganharia em relação ao caráter antitético intrínseco à ideia da justificação – ou mesmo frente ao transcendentalismo radical da assim-chamada “teologia dialética”. Em seu estudo *Kultur als Lebenswelt*, Michael Moxter sugere interpretar essa categoria a partir da estética de Tillich e entendê-la como uma qualificação mais detalhada do conceito de “expressão” (*Ausdruck*), que, por sua vez, demanda uma justificação semiótica.¹⁰¹ Tal leitura, no entanto, não apenas não atinge o cerne sistemático do problema, como também o desvirtua. Mesmo a atribuição quase inflacionária de Tillich ao tópico da revelação não é adequada para determinar o sentido básico da metáfora, posto que já se direciona para sua aplicação ao âmbito simbólico da dogmática. O primeiro esclarecimento conceitual dessa categoria¹⁰² pode ser encontrado na conferência *Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart*, proferida na Universidade de Berlim, no verão de 1919.¹⁰³ O aspecto principal da introdução da metáfora da

⁹⁹ A metáfora é empregada, fundamentalmente, como uma descrição do evento da revelação. Cf., por exemplo, TILLICH, P. Dogmatik-Vorlesung. (Dresden 1925-1927). In: SCHÜBLER, W.; STURM, E. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band XIV. Berlin; New York: de Gruyter, 2005, p. 19: “A revelação é a irrupção do incondicionado no condicionado. Ela não é nem realização nem destruição das formas condicionadas, mas seu estremecimento e reviravolta [ihre Erschütterung und Umwendung]”.

¹⁰⁰ Cf. TILLICH, P. Über die Idee einer Theologie der Kultur (1919). In: PALMER, M. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 2: Kulturphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1990a, p. 79. Para uma breve reconstrução da metáfora “Durchbruch”, cf. SCHARF, U. C. The Concept of the Breakthrough of Revelation in Tillich’s Dogmatik of 1925. In: PARRELLA, F. J. (Ed.). **Paul Tillich’s Theological Legacy: Spirit and Community**. International Paul Tillich Conference, New Harmony, 17-20 June 1993. Berlin; New York: de Gruyter, 1995, p. 65-81; DANZ, C. Breakthrough of the Unconditional: Tillich’s Concept of Revelation as an Answer to the Crisis of Historicism. **Bulletin of the North American Paul Tillich Society**, vol. 33, no. 2, 2007, p. 2-6.

¹⁰¹ Cf. MOXTER, M. **Kultur als Lebenswelt: Studien zum Problem einer Kulturtheologie**, p. 66-78.

¹⁰² Aqui, deixo de lado o emprego dessa metáfora no estudo preparatório para o doutorado em filosofia, de 1910. Sobre esse ponto, cf. TILLICH, P. Gott und das Absolute bei Schelling (1910), p. 54.

¹⁰³ Cf. TILLICH, P. Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart (Sommersemester 1919). In: STURM, E. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band XII: Berliner Vorlesungen I (1919-1920),

irrupção diz respeito ao “problema do criativo”.¹⁰⁴ Isso implica dizer que toda vida criativa se desenvolve no contexto do espírito que se realiza enquanto cultura, i.e., o “espírito objetivo”. A base do espírito objetivo é formada pelos diversos sentidos nos quais todas as coisas e eventos permanecem interconectados em um contexto sequencial de sentido.¹⁰⁵ Se esse contexto de interconexão de sentido aparece na forma da ação criativa individual,¹⁰⁶ então todas as dependências internas e externas que o condicionam qualitativamente são colocadas em perspectiva. O conceito de irrupção de Tillich contém, assim, dois momentos básicos: por um lado, a aparição instantânea daquilo que é originalmente dotado de sentido e historicamente novo; por outro lado, a extrapolação da esfera condicionada – i.e., a cultura – dentro da qual o último irrompe contingentemente e que, ao mesmo tempo, a enriquece com potenciais “transcontingentes” de sentido. A metáfora da irrupção é, portanto, uma categoria empregada na intersecção entre a teoria da liberdade, a teoria do sentido, a teoria dos símbolos e a filosofia da história. Em função disso, Tillich pôde relacionar essa metáfora com todos os eventos mais

p. 27-258. Cf. MURRMANN-KAHL, M. *Theologische Prinzip und Modernitätserfahrung in Paul Tillichs Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (1919). In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur: Aspekte, Probleme, Perspektiven**, p. 137-154. Sobre o contexto histórico e teórico dessas preleções, cf. PFLEIDERER, G. *Kultursynthesen auf dem Katheder. Zur Revision von Troeltschs Soziallehren in Tillichs Berliner Programmvorlesung von 1919*. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920)**, p. 119-136.

¹⁰⁴ TILLICH, P. *Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (Sommersemester 1919), p. 42. Para considerações posteriores sobre o problema do criativo, cf. TILLICH, P. *Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden* (1923), p. 196-200.

¹⁰⁵ Para uma análise dos contornos fundamentais da teoria do sentido de Tillich, cf. BARTH, U. *Die sinntheoretischen Grundlagen des Religionsbegriffs. Problemgeschichtliche Hintergründe zum frühen Tillich*. In: **Religion in der Moderne**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003, p. 89-123; BARTH, U. *Religion und Sinn*. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920)**, p. 197-213; HEINEMANN, L. C. **Sinn – Geist – Symbol: Eine systematisch-genetische Rekonstruktion der frühen Symboltheorie Paul Tillichs**. *Tillich-Forschungen: Band 10*. Berlin; Boston: de Gruyter, 2017, p. 335-367; 390-409; 470-479; ABREU, F. H. „denn der tragende Gehalt der Kultur ist die Religion und die notwendige Form der Religion ist die Kultur“. *Considerações sobre os fundamentos teórico-conceituais e sistemáticos da teologia da cultura de Paul Tillich*, p. 17-41.

¹⁰⁶ Cf. TILLICH, P. *Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden* (1923), p. 196.

significativos na história social e da cultura, na história da religião e do espírito.¹⁰⁷ Segue-se que a atribuição da categoria irrupção ao princípio protestante estabelecido pela Reforma também deve ser lida nesse contexto. Caso decida-se partir do sentido básico aqui esboçado, i.e., o problema do criativo, então o uso do termo no presente contexto é muito menos extravagante do que seu *pathos* retórico inicialmente sugere. A determinação da categoria irrupção *qua* descrição de uma agência “desde cima” – que, enquanto tal, e já por si mesma, extrapola e quebra não apenas os limites da causalidade histórica, como também implode suas contingências¹⁰⁸ –, oblitera o fato básico de que é o incondicionado que irrompe por meio das formas condicionadas.

A partir dessas considerações, no entanto, a suspeita de que a negatividade radical intrínseca ao princípio protestante constitui um problema para sua realização concreta ainda não pode ser, com isso, evadida. Tal suspeição somente alcança um autoesclarecimento conceitual com base numa das categorias mais centrais do sistema das ciências de Tillich. Referimo-nos, aqui, ao conceito de *Gestalt*, i.e., à concreção viva do princípio numa forma orgânica.¹⁰⁹ Com efeito, Tillich

¹⁰⁷ Assim, além do evidente *topos* da revelação, a metáfora da irrupção pode ser aplicada a um amplo e multifacetado conjunto de temas, como o desdobramento contingente da causalidade histórica – cf. TILLICH, P. *Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (Sommersemester 1919), p. 227 –, o *kaïros* – cf. TILLICH, P. *Religion und Erneuerung*. In: STURM, E. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band X: Religion, Kultur, Gesellschaft. Unveröffentlichte Texte aus der deutschen Zeit (1908-1933). Erster Teil, p. 292 –, processos na história geral da religião – cf. TILLICH, P. *Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (Sommersemester 1919), p. 86 –, o socialismo religioso – cf. TILLICH, P. *Die prinzipiellen Grundlagen und die nächsten Aufgaben unserer Bewegung* (II). In: STURM, E. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band X: Religion, Kultur, Gesellschaft. Unveröffentlichte Texte aus der deutschen Zeit (1908-1933). Erster Teil, p. 254-255 –, o socialismo cristão – cf. TILLICH, P. *Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (Sommersemester 1919), p. 106 –, mas também a questões teológicas específicas como a cruz e a justificação – cf. TILLICH, P. *Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (Sommersemester 1919), p. 49 –, o Espírito Santo – cf. TILLICH, P. *Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (Sommersemester 1919), p. 42 –, ou a graça – cf. TILLICH, P. *Religion und Erneuerung*, p. 290.

¹⁰⁸ Cf. TILLICH, P. *Rechtfertigung und Zweifel* (1919), p. 183.

¹⁰⁹ *O Wissenschaftssystem*, de 1923, define o “criativo”, por conseguinte, como “*a realização individual do geral*”. TILLICH, P. *Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden* (1923), p. 196. O conceito de *Gestalt* sumariza, dessa forma, a irrupção e realização do criativo na história.

é usualmente descrito como o grande teórico da *Gestalt*, i.e., o grande pensador sistemático responsável por superar construtivamente as acintosas dicotomias de ideia e aparência, espírito e instituição, sentido e realidade.¹¹⁰ Ao lado e sob as premissas fundamentais de sua teologia da cultura, seu famoso programa de um *Protestantismus als Kritik und Gestaltung*¹¹¹ também deve ser atribuído a esses esforços de mediação.¹¹² É indiscutível que Tillich reconheceu o poder teórico do conceito de *Gestalt*,¹¹³ que surgiu por volta de 1900, relativamente cedo e o tematizou com surpreendente precisão. O *Wissenschaftssystem* de 1923 dá testemunho eloquente disso.¹¹⁴ A *Gestalt*, como afirma Tillich, “abraça a si mesma e o protesto contra si mesma, ela compreende a forma e a negação da forma”.¹¹⁵ Tendo como pano de fundo a versão teórica da intencionalidade do ato religioso – um ato que se direciona através de uma “forma” concreta à dimensão de profundidade intencionada nele, i.e., o incondicionado –, Tillich tenta descrever as características do *medium* religioso resultante da estrutura correspondente usando o conceito de *Gestalt*. Sua função básica é designar a síntese entre “ser” e “pensar”, i.e., a síntese paradoxal entre uma concretude dotada de ser

¹¹⁰ Cf. ADAMS, J. L. **Paul Tillich's Philosophy of Culture, Science, and Religion**. New York: Harper & Row, 1965, p. 50, nota 53.

¹¹¹ Cf. TILLICH, P. **Protestantismus als Kritik und Gestaltung**. Darmstadt: O. Reichl, 1929. Publicado em 1929, no final de seu tempo em Dresden, no segundo volume do *Kairos-Kreis*, a intenção da antologia, como Tillich afirma no prefácio, é mostrar que o “*protestantismo não está em seu fim, mas que nele, justamente nele, jaz o princípio de sua própria reformação [Prinzip der Neugestaltung] e da cultura autônoma*” (p. XI).

¹¹² Esse programa de mediação é sumarizado no já referido volume VII dos *Gesammelte Werke*, de 1962.

¹¹³ Cf. AMELUNG, E. **Die Gestalt der Liebe: Paul Tillichs Theologie der Kultur**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus G. Mohn, 1972, p. 133-173; JAHR, H. **Theologie als Gestaltmetaphysik: die Vermittlung von Gott und Welt im Frühwerk Paul Tillichs**. Berlin; New York: de Gruyter, 1989, p. 11-16; HAIGIS, P. **Im Horizont der Zeit**. Paul Tillichs Projekt einer Theologie der Kultur. Marburg: N. G. Elwert Verlag, 1998, p. 139-151; REJNEN, A. M. Protestantism as “Gestalt” in Tillich’s Analysis of Culture. In: DANZ, C.; SCHÜßLER, W. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur: Aspekte, Probleme, Perspektiven**, p. 279-292.

¹¹⁴ Cf. TILLICH, P. *Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden* (1923), p. 133-137; 153-179.

¹¹⁵ TILLICH, P. *Protestantische Gestaltung*. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band VII: *Der Protestantismus als Kritik und Gestaltung*. Schriften zur Theologie I. Stuttgart: 1962, p. 52.

e uma generalidade dotada de sentido.¹¹⁶ No que diz respeito à relação religiosa, a *Gestalt* visa, portanto, à síntese da objetividade concreta ou qualidade representacional (a forma sensorial) do meio religioso e do não-objetivo (o incondicionado) nele apresentado.

No horizonte do conhecimento “protestante” da discrepância intransponível entre a forma condicionada e a substância incondicionada da consciência religiosa, surge agora a questão da possibilidade paradoxal de transpor a lacuna imposta por esse conhecimento, sem a qual a consciência religiosa é impensável. “Deve-se perguntar como a formação [*Gestaltung*] da forma e o protesto contra a forma podem conviver em uma igreja, como a forma e o protesto contra a forma podem criar uma nova forma que permanece em tensão consigo mesma”.¹¹⁷ A *Gestalt* que conserva em si “a unidade de protesto e formação” é chamada por Tillich de “*Gestalt* da graça”.¹¹⁸ Como afirma, “a *Gestalt* da graça como *Gestalt* viva e, com isso, a história como lugar de realização da essência: ambas estão contidas no princípio protestante e devem ser extraídas dele”. Ou, posto de outra forma, “a ideia do ‘*kairos*’ como um tempo cumprido [*erfüllte Zeit*] ou a realização da *Gestalt* da graça em uma nova essência é uma tentativa de deixar claro esse lado do princípio protestante”.¹¹⁹ Segue-se, portanto, que a compreensão da teoria do protestantismo de Tillich é incompleta quando separada de seu conceito de *Gestalt*. No entanto, essa categoria traz consigo outras questões mais complexas, que remontam à própria estrutura de sua teoria da religião, i.e., ao modo do relacionamento paradoxal entre o incondicionado e o condicionado ou do desvelamento reflexivo do incondicionado por meio das formas condicionadas.

Do ponto de vista da história da obra, o confronto com a teologia dialética no transcurso da década de 1920 se sugere, nesse momento, como um “primeiro” *topos* imprescindível para a elucidação do problema da realização concreta do princípio protestante no pensamento de Tillich. Sobre a figura da “crise absoluta” imposta pela teologia

¹¹⁶ Cf. TILLICH, P. *Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden* (1923), p. 133.

¹¹⁷ TILLICH, P. *Protestantische Gestaltung*, p. 54.

¹¹⁸ TILLICH, P. *Protestantische Gestaltung*, p. 54.

¹¹⁹ TILLICH, P. *Der Protestantismus als kritisches und gestaltendes Prinzip*, p. 52.

dialética, Tillich afirma que essa, de fato, acendeu a lareira, mas o fogo “apenas queimou, e não aqueceu, nem iluminou”.¹²⁰ Contra o titanismo do “paradoxo crítico” proclamado por Barth e seus seguidores, Tillich reivindica, sobre a base de sua teoria do incondicionado, um “paradoxo positivo”, i.e., a unidade permanente de pressuposição e crítica, autoposição e autonegação – ou, numa palavra, a *Gestalt* da graça. Isso significa dizer que, implícita em sua versão previamente elaborada do princípio protestante, jaz, como consequência necessária, o problema de sua formação (*Gestaltung*). Se o princípio do protestantismo é formulado de um modo tal que ele se volta, enquanto pura negatividade, contra toda e qualquer possibilidade de formação histórica, então a questão do desenvolvimento positivo desse princípio torna-se tão impossível quanto no paradoxo crítico de Barth. Inversamente, se o protesto do princípio protestante ao mesmo tempo assume a positividade daquilo que nega, então o problema do poder formativo desse princípio somente pode ser solucionado sob a forma de um “paradoxo positivo”.¹²¹ É precisamente sobre essa base que Tillich busca elucidar a realização concreta do princípio protestante. “Mas, a participação no infinito, no incondicionado, na autoridade que jaz além do humano [*an außermenschlicher Autorität*]”, afirma Tillich, “significa viver na realidade da graça, ou, para usar o termo já explicado, em uma *Gestalt* da graça, uma estrutura sagrada da realidade. A pressuposição para todo protesto protestante é uma *Gestalt* da graça”.¹²²

Ancorado no desenvolvimento de sua análise da história da religião, Tillich articula o desenvolvimento positivo do princípio protestante na forma de uma síntese paradoxal entre dois “tipos ideais”: a saber, o “místico-sacramental” (afirmação da forma) e o “crítico-profético” (negação da forma). Esses tipos ideais são reconciliados na *Gestalt*

¹²⁰ TILLICH, P. *Protestantische Gestaltung*, p. 56.

¹²¹ “Não há qualquer negativo absoluto, e não há protesto absoluto, absoluto [sic., no sentido de absolvido de qualquer envolvimento], isto é, desvinculado de uma afirmação. Quando a negação é viva, ela permanece conectada a uma afirmação, e quando o protesto é vivo, ele permanece conectado à forma. Isso também se aplica ao protestantismo. Seu protesto depende de sua *Gestalt*, sua negação da forma de seu poder criador de forma, seu não – ainda que predominante – de seu sim”. TILLICH, P. *Protestantische Gestaltung*, p. 54.

¹²² TILLICH, P. *Protestantische Gestaltung*, p. 57.

paradoxal da graça, i.e., na “religião do paradoxo”.¹²³ Isso significa dizer que o esclarecimento dessa mediação paradoxal atribui ao aspecto da formação a função de indicar, apresentar, sustentar ou expressar um “significado transcendente [*transzendenten Bedeutens*]”¹²⁴ que irrompe por meio das formas culturais concretas. Na medida em que *nessas* estruturas de referência o significado transcendente se manifesta de uma maneira tal que se torna “intuível” e é “intuído”,¹²⁵ ou seja, que de modo algum se torna acessível tão-somente por meio de atos subjetivos de interpretação, então não é apenas o conceito de intuição, aqui empregado, que deve ocupar a reflexão. Antes, é a própria dimensão de incondicionalidade da consciência, que irrompe por meio das formas culturais concretas, que deve agora ser tematizada. Isso porque é essa dimensão de incondicionalidade da autorrelação do espírito que se encontra pressuposta como *prius* de toda positividade.¹²⁶ É tão-somente em função desse *prius* que Tillich pode falar, por meio da transcendência reflexiva intrínseca à sua teoria do absoluto,¹²⁷ de uma “estrutura sagrada da realidade”.¹²⁸ Isso quer dizer, no entanto, que a realidade somente pode ser apreendida em sua “sacralidade” por meio de um ato inderivável de reflexividade, que desvela à consciência sua dimensão de incondicionalidade. O “princípio da irrupção do protestantismo”, enquanto o “princípio da irrupção de nossa situação espiritual”,¹²⁹ é, em outras palavras, o princípio da irrupção do próprio incondicionado em meio às formas condicionadas.¹³⁰ Assim como o incondicionado somente pode ser expresso por meio de formas culturais concretas, que, por sua vez, devem ser negadas para que a dimensão de profundidade

¹²³ TILLICH, P. Religionsphilosophie (1925). In: CLAYTON, J. P. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften, p. 150-155, esp. 155.

¹²⁴ TILLICH, P. Der Protestantismus als kritisches und gestaltendes Prinzip, p. 49-51.

¹²⁵ TILLICH, P. Der Protestantismus als kritisches und gestaltendes Prinzip, p. 41-42.

¹²⁶ Cf. WAGNER, F. Absolute Positivität. Das Grundthema der Theologie Paul Tillichs. **Neue Zeitschrift für Systematische Theologie und Religionsphilosophie**, vol. 15, 1973, p. 182.

¹²⁷ Cf. TILLICH, P. Die Überwindung des Religionsbegriffs in der Religionsphilosophie (1922). In: CLAYTON, J. P. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften, p. 73. Para maiores considerações sobre esse tema, cf. KORSCH, D. Das doppelte Absolute. Der Geist als Medium von Reflexion und Religion. In: **Dialektische Theologie nach Karl Barth**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1996, p. 242-245.

¹²⁸ TILLICH, P. Protestantische Gestaltung, p. 57.

¹²⁹ TILLICH, P. Rechtfertigung und Zweifel (1924), p. 85.

¹³⁰ Cf. TILLICH, P. Dogmatik-Vorlesung. (Dresden 1925-1927), p. 19.

da cultura se torne transparente para a consciência, também o princípio protestante somente pode se atualizar numa forma concreta, i.e., numa *Gestalt* que protesta contra si mesma.¹³¹ Por meio desse protesto profético interno, a *Gestalt* nega sua incondicionalidade e se torna, dessa forma, transparente em relação ao fundamento incondicionado que jaz pressuposto em sua base como sua condição de possibilidade. A *Gestalt* que condensa em si o protesto contra si mesma é uma *Gestalt* que se tornou transparente em relação ao poder crítico e formativo do princípio protestante.¹³² É somente aqui, portanto, que o protestantismo encontra sua realização concreta, i.e., sua essência histórica.

¹³¹ Numa carta enviada a Eduard Thurneysen em 9 de fevereiro de 1929, Karl Barth descreve o esforço de Tillich para conferir *forma* a um princípio crítico que, ao mesmo tempo, protesta contra si mesmo como “exercícios no alto trapézio”. Sobre esse ponto, cf. SCHÜBLER, W. **Jenseits von Religion und Nicht-Religion: der Religionsbegriff im Werk Paul Tillichs**. Frankfurt am Main: Athenäum, 1989, p. 234, nota 36. No entanto, caberia levantar a pergunta – e isso a despeito das reconstruções da dignidade epistemológica da teologia de Barth a partir dos influxos do neokantismo, da teologia de Herrmann e da escola de Ritschl, tal como elaboradas, sobretudo, pelos cuidadosos estudos de LOHMANN, J. F. **Karl Barth und der Neukantianismus: Die Rezeption des Neukantianismus im „Römerbrief“ und ihre Bedeutung für die weitere Ausarbeitung der Theologie Karl Barths**. Berlin; New York: de Gruyter, 1995, McCORMACK, B. L. **Karl Barth's Critically Realistic Dialectical Theology: Its Genesis and Development 1909-1936**. Oxford; New York: Clarendon Press, 1995, PFLEIDERER, G. **Karl Barths praktische Theologie**. Zu Genese und Kontext eines paradigmatischen Entwurfs systematischer Theologie im 20. Jahrhundert. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000 e WITTEKIND, F. **Geschichtliche Offenbarung und die Wahrheit des Glaubens: der Zusammenhang von Offenbarungstheologie, Geschichtsphilosophie und Ethik bei Albrecht Ritschl, Julius Kaftan und Karl Barth (1909-1916)** (2000) – se a alternativa da determinação do conceito de “verdadeira religião”, nos termos de uma autotransparência ética frente à absoluta impossibilidade humana de realização da vontade divina – i.e., do imperativo categórico –, habilita a consciência religiosa reflexiva ao reconhecimento de qualquer positividade na história em que essa consciência se encontra inevitavelmente envolvida. Se a resposta for apenas “*Nein!*”, então a possibilidade do reconhecimento reflexivo da revelação de Deus em Jesus Cristo demanda, *de facto*, “absoluta excepcionalidade”. Dessa forma, a suspeição de que um supranaturalismo – aberto ou velado – esteja operando no programa de Barth não pode ser, com isso, evadida. Para a posição de Barth, cf. BARTH, K. Die Gerechtigkeit Gottes. In: **Das Wort Gottes und die Theologie**. Gesammelte Vorträge. München: Chr. Kaiser Verlag, 1929, p. 5-17. Uma imagem bastante distinta é transmitida pelo esboço de uma filosofia da religião elaborado por Barth em 1910, que, infelizmente, foi suplantado por seu programa teológico ulterior. Cf., aqui, BARTH, K. Ideen und Einfälle zur Religionsphilosophie. In: **Vorträge und kleinere Arbeiten 1909-1914**. Zürich: Theologischer Verlag, 1993, p. 129-138.

¹³² Cf. TILLICH, P. Der Protestantismus als kritisches und gestaltendes Prinzip, p. 29-53.

Com base no que foi acima exposto, o aspecto construtivo do princípio protestante pode ser posto em perspectiva, sobretudo quando o caráter geral da teoria da religião de Tillich e seu lugar na história da teologia protestante moderna são incluídos. Com efeito, a ideia de um protestantismo cultural¹³³ foi a conquista do século XIX, sobretudo de pensadores como Schleiermacher, Rothe, Pfeiderer, Ritschl, Herrmann, Troeltsch, Harnack e Martin Rade. Por volta de 1918, no entanto, a jovem geração de teólogos concordou que essa abordagem não poderia mais ser continuada – ao menos, em todo o caso, não nos termos propostos por seus principais expoentes.¹³⁴ Algumas das objeções levantadas na teologia dialética também aparecem, de uma forma ou de outra, nos escritos de Tillich. A despeito disso, o pensador formado na filosofia do espírito do idealismo alemão não poderia e não faria uma ruptura tão radical.¹³⁵ É por isso que Tillich enveredou por um caminho intermediário entre o que ele considerava ser uma “teologia cultural integrativa” e a “teologia diastásica da revelação”. A teoria do sentido, articulada por Tillich no transcurso da década de 1920, tem a função de mostrar que a cultura – i.e., as funções transcendentais da consciência – se encontra ancorada no incondicionado, ao passo que a teoria do protestantismo descreve a realização histórica dessa relação paradoxal fundante entre o incondicionado e o condicionado. A síntese por Tillich oferecida também tem como função afastar o perigo de um nihilismo teologicamente exagerado oriundo do protesto inflacionário do

¹³³ Cf. GRAF, F. W. Kulturprotestantismus. Zur Begriffsgeschichte einer theologiepolitischen Chiffre. *Archiv für Begriffsgeschichte*, vol. 28, 1984, p. 214-268.

¹³⁴ Isso não significa, entretanto, que o programa de uma “teologia liberal” tenha sido impossibilitado pela crítica barthiana. Sobre esse ponto, cf. WOLFES, M. **Protestantische Theologie und moderne Welt**: Studien zur Geschichte der liberalen Theologie nach 1918. Berlin; New York: de Gruyter, 1999. Por outro lado, a depender da localização de Barth na história da teologia protestante do século XX, também ele pode ser caracterizado como um teólogo liberal. Cf. RUDDIES, H. Karl Barth als liberaler Theologe. Eine Skizze zu den Anfängen seiner Theologie. In: BARTH, R.; OSTHÖVENER, C.-D.; SCHELIHA, A. v. (Hg.). **Protestantismus zwischen Aufklärung und Moderne**: Festschrift für Ulrich Barth. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005, p. 389-402.

¹³⁵ A pergunta se o programa teológico de Barth realmente implica uma quebra na história da teologia protestante alemã do século XX é, aqui, deixada em suspenso. Sobre esse ponto, cf. WITTEKIND, F. **Geschichtliche Offenbarung und die Wahrheit des Glaubens**: der Zusammenhang von Offenbarungstheologie, Geschichtsphilosophie und Ethik bei Albrecht Ritschl, Julius Kaftan und Karl Barth (1909-1916), p. 146-252.

“*Nein!*”, bem como as ilusões de um conservadorismo cristão tipicamente burguês. A função construtiva do caráter paradoxal do princípio protestante, assim como do conceito de “demônico”,¹³⁶ consiste em elucidar a tese absoluta de um fundamento incondicional de sentido com tais elementos de negatividade, cuja incorporação permite falar de uma estrutura especulativa de justificação última (*Letztbegründung*) em relação ao todo. Ao mesmo tempo, isso faz com que a performance da justificação desse fundamento incondicionado nunca entre em jogo de outro modo senão através da passagem pela subjetividade individual do espírito finito. Pois, o incondicionado não é outra coisa senão uma descrição das condições de possibilidade da autorrelação espiritual que se autopõe, em seu “estado de ação” (*Tathandlung*), como fundamento e abismo de toda realidade de sentido e de toda autopoção da consciência, i.e., enquanto paradoxo absoluto.¹³⁷

Essas observações teóricas preliminares, e que apenas tangenciam a história do problema, conduzem a presente análise ao “segundo” *topos* imprescindível para uma elucidação do tema da realização concreta do princípio protestante. Referimo-nos, aqui, evidentemente, ao apelo de Tillich ao “socialismo religioso”.¹³⁸ Desde os primeiros esboços sobre o programa de uma teologia da cultura, resta claro, para Tillich, que a teologia, enquanto reflexão crítica sobre a “religião vivida”, somente

¹³⁶ Cf. DANZ, C. Das Göttliche und das Dämonische. Paul Tillichs Deutung von Geschichte und Kultur. In: DANZ, C.; DUMAS, M.; SCHÜBLER, W.; STENGER, M. A.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 8: Interpretation of History. Berlin; Boston: de Gruyter, 2013, p. 1-14.

¹³⁷ Cf. TILLICH, P. Die Überwindung des Religionsbegriffs in der Religionsphilosophie (1922), p. 73.

¹³⁸ Cf. BREIPOHL, R. **Religiöser Sozialismus und bürgerliches Geschichtsbewusstsein zur Zeit der Weimarer Republik**. Zürich: Theologischer Verlag, 1971; KROEGER, M. Paul Tillich als religiöser Sozialist. In: FISCHER, H. (Hg.). **Paul Tillich: Studien zu einer Theologie der Moderne**. Frankfurt am Main: Athenäum Verlag, 1989, p. 93-137; STURM, E. Tillichs religiöser Sozialismus im Rahmen seines theologischen und philosophischen Denkens. In: DANZ, C.; SCHÜBLER, W.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 4: Religion und Politik. Wien: LIT Verlag, 2009, p. 15-34; SCHELIHA, A. v. Die politische Ethik Paul Tillichs. In: DANZ, C.; DUMAS, M.; SCHÜBLER, W.; STENGER, M. A.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 10: Ethics and Eschatology, p. 143-166; CHRISTOPHERSEN, A. „Wenn über die vulkanischen Kräfte aufwachen...“ Paul Tillichs Kairos und die „Revolution von rechts“. In: DANZ, C.; DUMAS, M.; SCHÜBLER, W.; STENGER, M. A.; STURM, E. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 10: Ethics and Eschatology, p. 167-190.

pode encontrar seu suporte e cumprimento na cultura.¹³⁹ O apelo que Tillich faz ao socialismo religioso é, no entanto, cada vez mais aprofundado e matizado pela experiência de não ser acolhido nem no socialismo politicamente organizado, por um lado, nem nas igrejas oficiais, por outro. A despeito disso, porém, o programa teológico-político de Tillich, articulado sob o prisma de uma teologia da cultura, se mantém como um *Leitmotiv* constante até seus últimos escritos.¹⁴⁰ Por esse motivo, não se pode inferir que a preocupação de Tillich com o tema de um “socialismo religioso” tenha sido apenas episódica. Isso porque as bases da reflexão teológica sobre a dimensão de profundidade da política permanecem sob o horizonte teórico de um quadro metodológico bastante estável, ainda que seu opus magnum tenha sido elaborado num contexto marcadamente distinto quando comparado ao da Alemanha das décadas de 1920 e 1930.¹⁴¹ Portanto, não se pode negar que Tillich deve *insights* teológicos fundamentais a esse engajamento, que se tornou significativo para ele mesmo sem referência explícita ao tema, e que está intimamente ligado ao problema de sua teoria do protestantismo.

Em conexão com a tarefa apologética particularmente urgente do socialismo religioso de aproximar a mensagem cristã das “massas” alienadas da igreja, Tillich percebeu, de um modo ainda mais avultado, não apenas o quão “fracos” e “desgastados” são a maioria dos “símbolos cristãos”,¹⁴² mas também que esses, inevitavelmente, permanecem “estranhos” se não forem produtivamente “reinterpretados” por meio

¹³⁹ Cf. TILLICH, P. *Über die Idee einer Theologie der Kultur* (1919), p. 69-85.

¹⁴⁰ Cf. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 237-252; p. 253-260; p. 261-269; TILLICH, P. **Systematic Theology**. Vol. III: Life and the Spirit, History and the Kingdom of God. Chicago: The University of Chicago Press, 1963, p. 300-361.

¹⁴¹ Cf. WREGE, W. R. **Die Rechtstheologie Paul Tillichs**. Tübingen, Mohr Siebeck, 1996, p. 159-169; SCHELIHA, A. v. *Die politische Ethik Paul Tillichs*, p. 165-166; DORRIEN, G. Neo-Hegelian Theonomy. In: **In a Post-Hegelian Spirit: Philosophical Theology as Idealistic Discontent**. Waco: Baylor University Press, 2020, p. 309-337.

¹⁴² O juízo de Tillich, como ele revela numa carta a Emanuel Hirsch enviada em 20 de fevereiro de 1918, também pode ter sido influenciado por Nietzsche, autor que ocupou suas leituras durante as trágicas experiências como capelão na Primeira Guerra Mundial. Cf. TILLICH, P. *Paul Tillich – Emanuel Hirsch. Die große religionsphilosophische Debatte*, p. 114; PAUCK, W.; PAUCK, M. **Paul Tillich: His Life and Thought**. New York: Harper & Row, 1976, p. 52. Nesse sentido, o diagnóstico de Nietzsche sobre o desgaste dos símbolos ocidentais, cristãos e humanistas provavelmente jaz no pano de fundo da crítica cultural elaborada por Tillich, ainda que sob o horizonte de um quadro teórico radicalmente distinto.

de outras “imagens e ideias intuitivas” religiosas, por um lado, e complementados por novos símbolos que são “expressões imediatas” da atual “situação espiritual”, por outro.¹⁴³ Nesse sentido, pode-se afirmar que a sistematização de uma teoria dos símbolos, tal como operada por Tillich no transcurso da década de 1920, não resultou apenas, portanto, de questões epistemológicas, teórico-culturais ou filosófico-religiosas. Antes, os influxos para a fundamentação de uma teoria dos símbolos também se devem, em grande medida, ao objetivo prático-apologético de abrir o acesso à religião para a força de trabalho desgrejada.

Por outro lado, com referência aos pais do socialismo religioso continental e aos ideais humanistas da nascente socialdemocracia, Tillich sistematizou sua intuição originária de que “Deus às vezes pode falar mais fortemente através de um movimento não religioso, e até mesmo anticristão, como, por exemplo, a socialdemocracia primitiva, do que através das igrejas cristãs”.¹⁴⁴ Em tais e semelhantes casos, essa impressão o impulsionou a falar de uma “igreja latente” – o que o distanciou, conscientemente, do conceito de “igreja invisível”, inicialmente favorecido, mas enganoso por ter uma conotação teológica bastante distinta.¹⁴⁵ A observação de que as igrejas protestantes falharam amplamente, e continuam falhando, em atender às necessidades sociais da classe trabalhadora, de modo que o socialismo religioso realiza, *em sentido estrito*, um trabalho autenticamente protestante quando se esforça por reparar esse dano, levou Tillich a estreitar a lacuna entre

¹⁴³ Cf. TILLICH, P. Christentum und Sozialismus I. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus, p. 27; TILLICH, P. Masse und Geist. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus, p. 40; TILLICH, P. Grundlinien des religiösen Sozialismus. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus, p. 119; TILLICH, P. Die religiöse und philosophische Weiterbildung des Sozialismus. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus, p. 130; TILLICH, P. Kirche und Kultur (1924). In: PALMER, M. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 2: Kulturphilosophische Schriften, p. 112-113.

¹⁴⁴ TILLICH, P. Protestantische Gestaltung, p. 61; TILLICH, P. Religiöser Sozialismus II. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus, p. 161.

¹⁴⁵ Cf. TILLICH, P. Kirche und Kultur (1924), p. 110. Sobre a função do conceito de “igreja latente”, cf. TILLICH, P. Protestantische Gestaltung, p. 61-62.

o “espírito protestante” e a “história do protestantismo”¹⁴⁶ de uma forma ainda mais pujante do que em sua reflexão especulativa sobre os princípios. A distinção entre o princípio protestante e o protestantismo histórico surge, agora, da tentativa de circunscrever o fracasso das igrejas em relação ao proletariado e, ao mesmo tempo, conservar a síntese identificada na *Gestalt* do socialismo religioso.¹⁴⁷ No entanto, no final da década de 1920, Tillich já contava com a possibilidade de que essas duas dimensões, a saber, o princípio protestante e o protestantismo histórico, divergissem ainda mais, de modo que, ao fim e ao cabo, já não tivessem mais nada em comum. Assim, quando alguns anos depois restou claro que todas as tentativas de estreitar a lacuna entre o cristianismo e o socialismo haviam falhado, tanto no lado político quanto no lado das igrejas organizadas, tanto em solo luterano quanto em solo calvinista, Tillich pôde contemplar a “queda” do protestantismo como uma “ameaça” iminente. Surge, destarte, uma situação ideológica em que “o protestantismo não é mais possível”.¹⁴⁸ Com esse diagnóstico, Tillich não se limita, de forma alguma, às condições das igrejas protestantes alemãs ou europeias. Antes, seu diagnóstico temporal diz respeito ao protestantismo enquanto tal, i.e., ao protestantismo enquanto um subsistema autopoietico e reconhecível na cultura moderna autodiferenciada, mas também em seus múltiplos acoplamentos alopoieticos característicos da “modernidade periférica”.

A possibilidade da queda e da ameaça iminente do protestantismo permanece um tema das reflexões de Tillich mesmo após sua emigração para os Estados Unidos. Basta fazer referência, aqui, ao já mencionado artigo “*The End of the Protestant Era?*”, de 1937.¹⁴⁹ Nesse artigo, encontra-se declarado, explicitamente, o que ressoou de forma implícita nos tratados sobre o socialismo por volta de 1930: a saber,

¹⁴⁶ TILLICH, P. *Klassenkampf und religiöser Sozialismus*. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus, p. 191.

¹⁴⁷ Nesse sentido, com razão afirma AMELUNG, E. **Die Gestalt der Liebe**: Paul Tillichs Theologie der Kultur, p. 135, nota 23: “Com a ajuda do princípio protestante, Tillich desvela o sentido do proletariado”.

¹⁴⁸ TILLICH, P. *Protestantismus und politische Romantik*. In: ALBRECHT, R. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus, p. 217-218.

¹⁴⁹ Cf. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 222-236.

que é bastante concebível que o protestantismo, enquanto uma época histórica, eventualmente chegue a seu fim. Como todos os poderes espirituais, também as formas históricas do protestantismo estão sujeitas ao destino da lassidão e exaustão interior. Pressupor o oposto, i.e., que as formas históricas do protestantismo sejam impérvias à exaustão, implica contrapor-se à probabilidade histórica. No entanto, Tillich imediatamente complementa e qualifica esse diagnóstico: o protestantismo histórico pode perecer, mas o princípio protestante tem a capacidade de perdurar por todas as eras.¹⁵⁰ O princípio protestante é “eterno” em sua validade porque, enquanto fórmula para o entrelaçamento paradoxal de autoafirmação e autonegação, ele constitui “o critério último de todas as experiências religiosas e espirituais; ele jaz na base dessas experiências, quer estejam cientes disso ou não”.¹⁵¹ A sentença de Tillich corrobora sua intenção de expor sistematicamente a ideia da justificação como uma estrutura espiritual especulativa de natureza universal. Frente a considerações de tal ordem, sua postura teológica se demonstra extremamente ambivalente: por um lado, ele se apresenta como o representante *par excellence* de uma das apologéticas mais radicais do protestantismo, mas, por outro, ele aparece como o proponente de um diagnóstico cético da época, que deixa para trás toda apologética direcionada à sua própria denominação.¹⁵² É precisamente essa sensibilidade intelectual que, ao mesmo tempo, mostrou-se superior quando comparada ao programa de um transcendentalismo teológico que, a despeito de seu caráter controverso, ao mesmo tempo ofereceu impulsos fundamentais para uma correção crítica da tentativa anterior de converter o protestantismo em uma forma cultural claramente definida.

O programa proposto por Tillich, ancorado no modelo da teonomia, de uma superação do processo de autodiferenciação da cultura moder-

¹⁵⁰ Cf. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 222. Cf. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. xxii-xxiii.

¹⁵¹ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. xii.

¹⁵² Assim, já em 26 de agosto de 1917, em uma carta enviada a Richard Wegener, Tillich pôde antecipar o diagnóstico cético que caracterizaria a sua obra: “Toda a dialética do protestantismo é extremamente interessante agora que estamos essencialmente para além do protestantismo histórico”. TILLICH, P. Paul Tillich an Richard Wegener. 26.8.1917. In: ALBRECHT, R.; TAUTMANN, R. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band VI: Briefwechsel und Streitschriften. Theologische, philosophische und politische Stellungnahmen und Gespräche, p. 91.

na¹⁵³ a partir de uma *mediação desde baixo*, i.e., da fundamentação de uma “cultura unitária [*Einheitskultur*]”¹⁵⁴ sobre a base do incondicionado, jaz, hoje, sob a suspeita de não passar de mera ingenuidade e romantismo.¹⁵⁵ Não obstante, essa crítica apenas repete aquilo que o próprio Tillich percebeu de forma retrospectiva. Com efeito, em sua preleção *Religion and Secular Culture*, proferida em janeiro de 1946, na Universidade de Chicago, Tillich afirma que sua primeira tentativa de oferecer uma análise da “mútua imanência entre religião e cultura” foi por ele formulada em seu programa de uma teologia da cultura, desenvolvido em 1919. Não obstante, o diagnóstico cultural intrínseco à *Kulturvortrag* de Tillich foi marcado, conforme afirma, pelo “entusiasmo” característico do pós-guerra, i.e., um período em que a esperança de “um novo começo” e de “radical transformação” – numa palavra: a irrupção de um novo “*kairos*” e de uma nova *Gestalt* da graça, i.e., de uma nova teonomia – se mostrava presente. Tal entusiasmo estava ancorado na aposta de que o colapso iminente “da civilização burguesa na Europa Central e Oriental poderia abrir o caminho para uma reunião de religião

¹⁵³ Cf. LUHMANN, N. Die Ausdifferenzierung der Religion. In: **Gesellschaftsstruktur und Semantik**. Studien zur Wissenssoziologie der modernen Gesellschaft. Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1989, p. 259-357. Para uma análise teológica do processo de autodiferenciação das sociedades modernas, cf., sobretudo, WAGNER, F. Kann die Religion der Moderne die Moderne der Religion ertragen? Religionssoziologische und theologisch-philosophische Erwägungen im Anschluß an Niklas Luhmann. In: DANZ, C.; DIERKEN, J.; MURRMANN-KAHL, M. (Hg.). **Religion zwischen Rechtfertigung und Kritik**. Perspektiven philosophischer Theologie. Frankfurt am Main: Peter Lang GmbH; Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2005, p. 173-201.

¹⁵⁴ TILLICH, P. Über die Idee einer Theologie der Kultur (1919), p. 84.

¹⁵⁵ Cf. GRAF, F. W. **Theonomie**. Fallstudien zum Integrationsanspruch neuzeitlicher Theologie, p. 231-240. Para DANZ, C. Theology, Religion, Culture. Reflections on Systematic Theology following Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 20, no. 2, 2021, p. 114, a própria tentativa de fundamentação de uma “cultura unitária” sobre a base do incondicionado não passa de um romantismo abstrato que termina por obliterar o pluralismo das sociedades modernas autodiferenciadas. Um juízo radicalmente distinto, contudo, pode ser encontrado, por exemplo, em FRITZ, M. Selbstkritische Affirmation. Tillichs ‚protestantisches Prinzip‘ als Kennzeichen pluralismusfähiger Religion. In: ASMAR, R.; DANZ, C.; LEINER, M.; WEAVER, M. L. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 18: Reformation und Revolution in der Wahrnehmung Paul Tillichs. Berlin; Boston: de Gruyter, 2019, p. 131-171. Para uma discussão mais entretida com os pressupostos da crítica de Danz, cf. ABREU, F. H. Religion as a Self-Referential System of Religious Communication: An Assessment with Questions for a Challenging New Theological System. Notes of a Preliminary and (Merely) Intuitive Approach. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 20, no. 2, 2021, p. 143-188.

e cultura secular”.¹⁵⁶ Não obstante, afirma Tillich, “não percebemos o preço que a humanidade tem que pagar pela criação de uma nova teonomia; ainda acreditávamos em transições sem catástrofes”.¹⁵⁷ Ao contrário da irrupção de uma “cultura unitária”, a história demonstra que o protestantismo histórico terminou por rejeitar “a autonomia secularizada da cultura moderna”, por um lado, ao passo que o socialismo religioso renunciou “a heteronomia transcendente” das formas históricas do protestantismo, por outro. Nesse sentido, ambos rejeitaram aquela dimensão de ultimidade e incondicionalidade da qual, “em última análise, eles próprios viviam” – a saber, “a teonomia”.¹⁵⁸ Por essa razão, Tillich concede que sua “interpretação teônoma da história”, embora tentasse evadir “qualquer tipo de utopismo”, trouxe consigo, *ipso facto*, “um leve toque de romantismo”.¹⁵⁹

A despeito de todo o entusiasmo romântico, no entanto, o modelo de uma consciência teônoma, enquanto um modo elementar de auto-desvelamento reflexivo que torna transparente para o espírito humano a estrutura sagrada da realidade, i.e., a irrupção da *Gestalt* da graça, jamais foi abandonado por Tillich.¹⁶⁰ Conforme afirma, “mas, mais importante em nossa situação foi e é a outra tarefa de uma análise teônoma da cultura: mostrar que, na profundidade de cada cultura autônoma, uma preocupação última, algo incondicional e sagrado está implicado”.¹⁶¹ Por outro lado, precisamente essa percepção, a saber, que tanto o protestantismo histórico quanto o socialismo religioso fracassaram em trazer à consciência a transparência de sua dimensão de profundidade, já demonstra um diagnóstico da cultura que se orienta sob o horizonte normativo de uma consciência teônoma e da *ideia* de uma cultura unitária mediada desde baixo. Pois, somente na medida em que a dimensão de incondicionalidade se torna transparente para o espírito humano, é que um diagnóstico cultural-temporal dessa natureza se torna possível. Posto de

¹⁵⁶ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 56.

¹⁵⁷ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 59.

¹⁵⁸ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 56.

¹⁵⁹ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 60.

¹⁶⁰ “One thing is clear: the experience of the end by no means undermines the idea of theonomy. On the contrary, it is its strongest confirmation”. TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 60.

¹⁶¹ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 58.

outra forma, a percepção de que, na profundidade de cada subsistema social ou esfera cultural, uma preocupação última sempre já se encontra implicada, pressupõe o autodesvelamento reflexivo de uma consciência teônoma que permanece ciente de que as formas concretas postas pelo espírito são, ao mesmo tempo, necessárias e inautênticas. A dialética de autoposição e autnegação, i.e., de crítica e formação, que constitui a essência da *Gestalt* da graça, permanece fundante para uma análise teônoma da cultura. Em outras palavras, a irrupção da *Gestalt* da graça descreve um modo exemplar da consciência cultural que não apenas permanece ciente que o incondicionado é sua pressuposição, como também dirige o protesto incondicional contra sua própria formação. “A graça, é claro, não é perceptível, mas sua manifestação em um meio finito pode ser percebida. Uma *Gestalt* da graça é uma *Gestalt* ‘transparente’. Algo brilha através dela que é mais do que ela”.¹⁶²

Não obstante, o que resta para a teoria do protestantismo de Tillich, e a teologia da cultura a ela associada, frente ao diagnóstico cético do fim da era protestante? Em primeiro lugar, é importante perceber que a categoria da *Gestalt* da graça tem por função apresentar não uma forma histórico-cultural consolidada, mas a própria dinâmica do autodesvelamento da estrutura da consciência teônoma em relação à dimensão de incondicionalidade que subjaz aos conteúdos por ela postos. É por meio de tais formas que a irrupção do incondicionado ou do princípio protestante ocorre. A consciência teônoma não possui, portanto, qualquer fidelidade a formas histórico-culturais já consolidadas. Formas culturais concretas, que outrora poderiam haver se constituído como veículos para a autotransparência do incondicionado, também podem – e, não raras vezes, assim o fazem – reivindicar uma autossuficiência demônica. Em segundo lugar, é imprescindível salientar que a irrupção do incondicionado por meio das formas condicionadas postas pelo espírito somente é possível, no entanto, como uma negação das formas culturais concretas. Essa negação conduz a uma transição da consciência cultural para a intenção do incondicionado (*Meinen des Unbedingten*). Isso implica dizer que o protestantismo histórico somente faz justiça ao princípio protestante na medida em que nega suas formas determinadas

¹⁶² TILLICH, P. *Protestantische Gestaltung*, p. 60.

e se torna transparente à dimensão de incondicionalidade enquanto seu *prius* e condição de possibilidade. Essa construção da teoria do protestantismo possui, em terceiro lugar, consequências evidentes para a tarefa de uma teologia da cultura. Isso porque é com base nessa estrutura que Tillich se torna capaz de discorrer, frente à desintegração cultural moderna em relação à sua dimensão de ultimidade, sobre a “possibilidade da criação” que irrompe a partir de um “vazio sagrado”.¹⁶³ Como afirma Tillich, “uma teologia da cultura presente é, antes de tudo, uma teologia do fim da cultura, não em termos gerais, mas em uma análise concreta do vazio interior da maioria de nossas expressões culturais”.¹⁶⁴ É tão-somente com base nessa tarefa teológico-cultural que “o vácuo da desintegração pode se tornar um vácuo a partir do qual a criação é possível, um ‘vazio sagrado’, por assim dizer, que traz uma qualidade de espera, de ‘ainda não’, de um ser quebrado desde cima, em toda a nossa criatividade cultural”.¹⁶⁵ Para Tillich, não se trata de um “distanciamento cínico, com sua desonestidade espiritual última” – tal como ele identifica no titanismo da teologia inicial de Barth –, mas de “um simples trabalho cultural a partir da, e qualificado pela experiência do vazio sagrado”. Mais do que isso, entretanto, essa tarefa constitui, talvez, “a única maneira pela qual nosso tempo pode alcançar uma união teônoma entre religião e cultura”.¹⁶⁶ É por meio desse autodesvelamento reflexivo da consciência teônoma que Tillich pode afirmar que a “era protestante pode chegar ao fim”. No entanto, como acrescenta, caso a era protestante chegue a seu fim, “o princípio protestante não seria refutado. Pelo contrário, o fim da era protestante seria mais uma manifestação da verdade e do poder do princípio protestante”.¹⁶⁷

¹⁶³ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 60.

¹⁶⁴ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 60.

¹⁶⁵ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 60.

¹⁶⁶ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. 60.

¹⁶⁷ TILLICH, P. **The Protestant Era**, p. xii.

Referências

Literatura primária

TILLICH, Paul. **Protestantismus als Kritik und Gestaltung**. Darmstadt: O. Reichl, 1929.

_____. On the Boundary. In: **The Interpretation of History**. New York; London: Charles Scribner's Sons, 1936, p. 3-73.

_____. **The Protestant Era**. Chicago: The University of Chicago Press, 1948.

_____. **Systematic Theology**. Vol. I: Reason and Revelation, Being and God. Chicago: The University of Chicago Press, 1951.

_____. Christentum und Sozialismus I. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 21-28.

_____. Masse und Geist. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 35-90.

_____. Grundlinien des religiösen Sozialismus. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 91-119.

_____. Die religiöse und philosophische Weiterbildung des Sozialismus. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 121-131.

_____. Religiöser Sozialismus II. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 151-174.

_____. Klassenkampf und religiöser Sozialismus. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 175-192.

_____. Protestantismus und politische Romantik. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 209-218.

_____. Die sozialistische Entscheidung. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.). **Gesammelte Werke**. Band II: Christentum und soziale Gestaltung. Frühe Schriften

zum Religiösen Sozialismus. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1962, p. 219-365.

_____. Der Protestantismus als kritisches und gestaltendes Prinzip. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.) **Gesammelte Werke**. Band VII: Der Protestantismus als Kritik und Gestaltung. Schriften zur Theologie I. Stuttgart: 1962, p. 29-53.

_____. Protestantische Gestaltung. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.) **Gesammelte Werke**. Band VII: Der Protestantismus als Kritik und Gestaltung. Schriften zur Theologie I. Stuttgart: 1962, p. 54-69.

_____. **Systematic Theology**. Vol. III: Life and the Spirit, History and the Kingdom of God. Chicago: The University of Chicago Press, 1963.

_____. Über die Idee einer Theologie der Kultur. In: RADBRUCH, Gustav; TILLICH, Paul. (Hg.) **Religionsphilosophie der Kultur**. Zwei Entwürfe von Gustav Radbruch und Paul Tillich. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968, p. 27-52.

_____. Rechtfertigung und Zweifel (1924). In: ALBRECHT, Renate. (Hg.) **Gesammelte Werke**. Band VIII: Offenbarung und Glaube. Schriften zur Theologie II. Stuttgart: Evangelischen Verlagswerk, 1970, p. 85-100.

_____. Studienjahre 1904-1914. In: ALBRECHT, Renate. (Hg.) **Gesammelte Werke**. Band XIII: Impressionen und Reflexionen. Ein Lebensbild in Aufsätzen, Reden und Stellungnahmen. Stuttgart: Evangelisches Verlagswerk, 1972, p. 19-68.

_____. Paul Tillich: Tagebuch 1914. In: ALBRECHT, Renate; HAHN, Margot. (Hg.) **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band V: Ein Lebensbild in Dokumenten: Briefe, Tagebuch-Auszüge, Berichte. Stuttgart; Frankfurt am Main: Evangelisches Verlagswerk, 1980, p. 70-74.

_____. Die christliche Gewißheit und der historische Jesus. Materialien und Briefe zur Kasseler Pfingstkonferenz 1911. In: ALBRECHT, Renate; TAUTMANN, René. (Hg.) **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band VI: Briefwechsel und Streitschriften. Theologische, philosophische und politische Stellungnahmen und Gespräche. Frankfurt am Main: Evangelisches Verlagswerke, 1983, p. 28-61.

_____. Paul Tillich an Richard Wegener. 26.8.1917. In: ALBRECHT, Renate; TAUTMANN, René. (Hg.) **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band VI: Briefwechsel und Streitschriften. Theologische, philosophische und politische Stellungnahmen und Gespräche. Frankfurt am Main: Evangelisches Verlagswerke, 1983, p. 89-92.

_____. Paul Tillich – Emanuel Hirsch. Die große religionsphilosophische Debatte. In: ALBRECHT, Renate; TAUTMANN, René. (Hg.) **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band VI:

Briefwechsel und Streitschriften. Theologische, philosophische und politische Stellungnahmen und Gespräche. Frankfurt am Main: Evangelisches Verlagswerke, 1983, p. 95-136.

_____. Paul Tillich an Maria Klein: Geburtstags-, Weinachts- und Neujahrsbrief. 5.XII.1917. In: ALBRECHT, Renate; HAHN, Margot. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band V: Ein Lebensbild in Dokumenten: Briefe, Tagebuch-Auszüge, Berichte. Stuttgart; Frankfurt am Main: Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 121.

_____. Kairos (1922). In: CLAYTON, John Powell. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 53-72.

_____. Die Überwindung des Religionsbegriffs in der Religionsphilosophie (1922). In: CLAYTON, John Powell. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 73-90.

_____. Kritisches und positives Paradox. Eine Auseinandersetzung mit Karl Barth und Friedrich Gogarten (1923). In: CLAYTON, John Powell. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 91-98.

_____. Antwort. In: CLAYTON, John Powell. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 109-112.

_____. Religionsphilosophie (1925). In: CLAYTON, John Powell. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 117-170.

_____. Mystik und Schuldbewußtsein in Schellings philosophischer Entwicklung (1912). In: WENZ, Gunther. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 1: Philosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1989, p. 21-112.

_____. Das System der Wissenschaften nach Gegenständen und Methoden (1923). In: WENZ, Gunther. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 1: Philosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1989, p. 113-263.

_____. Über die Idee einer Theologie der Kultur (1919). In: PALMER, Michael. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 2: Kulturphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1990, p. 69-85.

_____. Kirche und Kultur (1924). In: PALMER, Michael. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 2: Kulturphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1990, p. 101-114.

_____. Fichtes Religionsphilosophie in ihrem Verhältnis zum Johannesevangelium (1906). In: HUMMEL, Gert; LAX, Doris. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke. Berlin; New York: de Gruyter, 1998, p. 1-19.

_____. Welche Bedeutung hat der Gegensatz von monistischer und dualistischer Weltanschauung für die christliche Religion? (1908). In: HUMMEL, Gert; LAX, Doris. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke. Berlin; New York: de Gruyter, 1998, p. 20-93.

_____. Welche Bedeutung hat der Gegensatz von monistischer und dualistischer Weltanschauung für die christliche Religion? (Schönschrift). In: HUMMEL, Gert; LAX, Doris. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke. Berlin; New York: de Gruyter, 1998, p. 94-153.

_____. Die religionsgeschichtliche Konstruktion in Schellings positiver Philosophie, ihre Voraussetzungen und Prinzipien (1910). In: HUMMEL, Gert; LAX, Doris. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke. Berlin; New York: de Gruyter, 1998, p. 154-272.

_____. Systematische Theologie von 1913. In: HUMMEL, Gert; LAX, Doris. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band IX: Frühe Werke. Berlin; New York: de Gruyter, 1998, p. 273-434.

_____. Gott und das Absolute bei Schelling (1910). In: STURM, Erdmann. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band X: Religion, Kultur, Gesellschaft. Unveröffentlichte Texte aus der deutschen Zeit (1908-1933). Erster Teil. Berlin; New York: de Gruyter, 1999, p. 9-54.

_____. Rechtfertigung und Zweifel (1919). 1. und 2. Version. In: STURM, Erdmann. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band X: Religion, Kultur, Gesellschaft. Unveröffentlichte Texte aus der deutschen Zeit (1908-1933). Erster Teil. Berlin; New York: de Gruyter, 1999, p. 127-230.

_____. Religion und Erneuerung. In: STURM, Erdmann. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band X: Religion, Kultur, Gesellschaft. Unveröffentlichte Texte aus der deutschen Zeit (1908-1933). Erster Teil. Berlin; New York: de Gruyter, 1999, p. 282-292.

_____. Das Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart (Sommersemester 1919). In: STURM, Erdmann. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band XII:

Berliner Vorlesungen I (1919-1920). Berlin; New York: de Gruyter, 2001, p. 27-258.

_____. Religionsphilosophie. (Sommersemester 1920). In: STURM, Erdmann. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band XII: Berliner Vorlesungen I (1919-1920). Berlin; New York: de Gruyter, 2001, p. 333-584.

_____. Dogmatik-Vorlesung. (Dresden 1925-1927). In: SCHÜBLER, Werner; STURM, Erdmann. (Hg.). **Ergänzungs- und Nachlaßbände zu den Gesammelten Werken von Paul Tillich**. Band XIV. Berlin; New York: de Gruyter, 2005, p. 1-440.

Literatura secundária

ABREU, Fábio Henrique. “Richtung auf das Unbedingte” and “Self-Transparency”: The Foundations of Paul Tillich’s Philosophy of Spirit, Meaning, and Religion (1919-1925). **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 16, no. 1, p. 5-97, 2017.

_____. Símbolo como linguagem da religião: fundamentos da teoria dos símbolos no âmbito da teoria da religião de Paul Tillich. In: TADA, Elton Sadao; SOUZA, Vitor Chaves. (Org.). **Paul Tillich e a linguagem da religião**. Santo André: Kapekenke, 2018, p. 365-582.

_____. Religião como sistema de autointerpretação simbólica: os fundamentos da teoria dos símbolos de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 18, no. 1, p. 5-40, 2019.

_____. „denn der tragende Gehalt der Kultur ist die Religion und die notwendige Form der Religion ist die Kultur“. Considerações sobre os fundamentos teórico-conceituais e sistemáticos da teologia da cultura de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 20, no. 2, p. 11-76, 2021.

_____. Religion as a Self-Referential System of Religious Communication: An Assessment with Questions for a Challenging New Theological System. Notes of a Preliminary and (Merely) Intuitive Approach. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 20, no. 2, p. 143-188, 2021.

ADAMS, James Luther. Tillich’s Concept of the Protestant Era. In: TILLICH, Paul. **The Protestant Era**. Translated and with a Concluding Essay by James Luther Adams. Chicago: The University of Chicago Press, 1948, p. 273-316.

_____. **Paul Tillich’s Philosophy of Culture, Science, and Religion**. New York: Harper & Row, 1965.

AMELUNG, Eberhard. **Die Gestalt der Liebe: Paul Tillichs Theologie der Kultur**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus G. Mohn, 1972.

BARTH, Karl. Die Gerechtigkeit Gottes. In: **Das Wort Gottes und die Theologie**. Gesammelte Vorträge. München: Chr. Kaiser Verlag, 1929, p. 5-17.

_____. Von der Paradoxie des „positiven Paradoxes“. Antworten und Fragen an Paul Tillich. In: CLAYTON, John Powell. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 98-109.

_____. Ideen und Einfälle zur Religionsphilosophie. In: **Vorträge und kleinere Arbeiten 1909-1914**. Zürich: Theologischer Verlag, 1993, p. 129-138.

BARTH, Ulrich. Die sinntheoretischen Grundlagen des Religionsbegriffs. Problemgeschichtliche Hintergründe zum frühen Tillich. In: **Religion in der Moderne**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003, p. 89-123.

_____. Religion und Sinn. In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien: Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 197-213.

BAYER, Oswald. **Martin Luthers Theologie**: Eine Vergegenwärtigung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007.

BOSS, Marc. **Au commencement la liberté**: La religion de Kant réinventée par Fichte, Schelling et Tillich. Genève: Labor et Fides, 2014.

BREIPOHL, Renate. **Religiöser Sozialismus und bürgerliches Geschichtsbewusstsein zur Zeit der Weimarer Republik**. Zürich: Theologischer Verlag, 1971.

CHRISTOPHERSEN, Alf. „Wenn über die vulkanischen Kräfte aufwachen...“ Paul Tillichs Kairos und die „Revolution von rechts“. In: DANZ, Christian; DUMAS, Marc; SCHÜßLER, Werner; STENGER, Mary Ann; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 10: Ethics and Eschatology. Berlin; Boston: de Gruyter, 2015, p. 167-190.

CLAESGES, Ulrich. **Geschichte des Selbstbewusstseins**. Der Ursprung des spekulativen Problems in Fichtes Wissenschaftslehre von 1794-95. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1974.

COHEN, Hermann. **Der Begriff der Religion im System der Philosophie**. Gießen: Alfred Töpelmann, 1915.

DANZ, Christian. Theologie als normative Religionsphilosophie. Voraussetzungen und Implikationen des Theologiebegriffs Paul Tillichs. In: DANZ, Christian. (Hg.). **Theologie als Religionsphilosophie**: Studien zu den problemgeschichtlichen und systematischen Voraussetzungen der Theologie Paul Tillichs. Tillich-Studien. Band 9. Wien: LIT Verlag, 2004, p. 73-106.

_____. Glaube und Autonomie. Zur Deutung der Rechtfertigungslehre von Karl Holl und Paul Tillich. In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 1: Wie viel Vernunft braucht der Glaube? Wien: LIT Verlag, 2005, p. 159-174.

_____. Breakthrough of the Unconditional: Tillich's Concept of Revelation as an Answer to the Crisis of Historicism. **Bulletin of the North American Paul Tillich Society**, vol. 33, no. 2, p. 2-6, 2007.

_____. ‚Alle Linie gipfeln in der Religion des Paradoxes‘. Tillichs religionsgeschichtliche Konstruktion der Religionsphilosophie. In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien. Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 215-231.

_____. Die Religion in der Kultur. Karl Barth und Paul Tillich über die Grundlagen einer Theologie der Kultur. In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur**: Aspekte, Probleme, Perspektiven. Berlin; Boston: de Gruyter, 2011, p. 211-227.

_____. Das Göttliche und das Dämonische. Paul Tillichs Deutung von Geschichte und Kultur. In: DANZ, Christian; DUMAS, Marc; SCHÜßLER, Werner; STENGER, Mary Ann; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 8: Interpretation of History. Berlin; Boston: de Gruyter, 2013, p. 1-14.

_____. **Grundprobleme der Christologie**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013.

_____. Freiheit als Autonomie. Anmerkungen zur Fichte-Rezeption Paul Tillichs im Anschluss an Fritz Medicus. In: DANZ, Christian; HACKL, Michael. (Hg.). **Die Klassische Deutsche Philosophie und ihre Folgen**. Göttingen; Vienna: V&R unipress; Vienna University Press, 2017, p. 217-230.

_____. Crítica e formação: a interpretação do protestantismo por Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 19, no. 2, p. 7-16, 2020.

_____. Theology, Religion, Culture. Reflections on Systematic Theology following Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, vol. 20, no. 2, p. 103-121, 2021.

DIERKEN, Jörg. Gewissheit und Zweifel. Über die religiöse Bedeutung skeptischer Reflexion. In: DANZ, Christian. (Hg.). **Theologie als Religionsphilosophie**. Studien zu den problemgeschichtlichen und systematischen Voraussetzungen der Theologie Paul Tillichs. Wien: LIT Verlag, 2004, p. 107-133.

_____. Negativität im Selbstverhältnis. In: BARTH, Ulrich; DANZ, Christian; GRÄB, Wilhelm; GRAF, Friedrich Wilhelm. (Hg.). **Aufgeklärte Religion und ihre Probleme**. Schleiermacher – Troeltsch – Tillich. Berlin; Boston: de Gruyter, 2013, p. 155-173.

DORRIEN, Gary. Neo-Hegelian Theonomy. In: **In a Post-Hegelian Spirit: Philosophical Theology as Idealistic Discontent**. Waco: Baylor University Press, 2020, p. 309-337.

FICHTE, Johann Gottlieb. **Darstellung der Wissenschaftslehre**. Aus dem Jahre 1801/1802. Hamburg: Felix Meiner, 1977.

FISCHER, Hermann. **Die Christologie des Paradoxes**. Zur Herkunft und Bedeutung des Christusverständnisses Sören Kierkegaards. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1970.

FRITZ, Martin. Selbstkritische Affirmation. Tillichs ‚protestantisches Prinzip‘ als Kennzeichen pluralismusfähiger Religion. In: ASMAR, Raymond; DANZ, Christian; LEINER, Martin; WEAVER, Matthew Lon. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 18: Reformation und Revolution in der Wahrnehmung Paul Tillichs. Berlin; Boston: de Gruyter, 2019, p. 131-171.

GOGARTEN, Friedrich. Zur Geisteslage des Theologen. Noch eine Antwort an Paul Tillich. In: CLAYTON, John Powell. (Hg.). **Main Works – Hauptwerke**. Band 4: Religionsphilosophische Schriften. Berlin; New York: de Gruyter; Evangelisches Verlagswerk, 1987, p. 114-116.

GRAF, Friedrich Wilhelm. Kulturprotestantismus. Zur Begriffsgeschichte einer theologiepolitischen Chiffre. **Archiv für Begriffsgeschichte**, vol. 28, p. 214-268, 1984.

_____. **Theonomie**. Fallstudien zum Integrationsanspruch neuzeitlicher Theologie. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1989.

_____; CHRISTOPHERSEN, Alf. Neukantianismus, Fichte und Schellingrenaissance. Paul Tillich und sein philosophischer Lehrer Fritz Medicus. **Zeitschrift für Neuere Theologiegeschichte**, vol. 11, Issue 1, p. 52-78, 2006.

HAIGIS, Peter. **Im Horizont der Zeit**. Paul Tillichs Projekt einer Theologie der Kultur. Marburg: N. G. Elwert Verlag, 1998.

HEINEMANN, Lars Christian. **Sinn – Geist – Symbol**: Eine systematisch-genetische Rekonstruktion der frühen Symboltheorie Paul Tillichs. **Tillich-Forschungen**: Band 10. Berlin; Boston: de Gruyter, 2017.

HERRMANN, Wilhelm. **Der Verkehr des Christen mit Gott**: Im Anschluß an Luther dargestellt. Tübingen: Mohr Siebeck, 1921.

HUMMEL, Gert. Das früheste System Paul Tillichs: »Systematische Theologie von 1913«. **Neue Zeitschrift für Systematische Theologie und Religionsphilosophie**, vol. 35, Issue 2, p. 115-132, 1993.

JAHR, Hannelore. **Theologie als Gestaltmetaphysik**: die Vermittlung von Gott und Welt im Frühwerk Paul Tillichs. Berlin; New York: de Gruyter, 1989.

KÄHLER, Martin. **Die Wissenschaft der christlichen Lehre von dem evangelischen Grundartikel aus im Abrisse dargestellt**. Leipzig: Deichert, 1905.

KLOTZ, Christian. Fichte's Explanation of the Dynamic Structure of Consciousness in the 1794-95 *Wissenschaftslehre*. In: JAMES, David; ZÖLLER, Günter. (Ed.). **The Cambridge Companion to Fichte**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 65-92.

KORSCH, Dietrich. Das doppelte Absolute. Der Geist als Medium von Reflexion und Religion. In: **Dialektische Theologie nach Karl Barth**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1996, p. 241-272.

KROEGER, Matthias. Paul Tillich als religiöser Sozialist. In: FISCHER, Hermann. (Hg.). **Paul Tillich: Studien zu einer Theologie der Moderne**. Frankfurt am Main: Athenäum Verlag, 1989, p. 93-137.

LINK, Hans-Georg. **Geschichte Jesu und Bild Christi**. Die Entwicklung der Christologie Martin Käblers in Auseinandersetzung mit der Leben-Jesu-Theologie und der Ritschl-Schule. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1975.

LOHMANN, Johann Friedrich. **Karl Barth und der Neukantianismus: Die Rezeption des Neukantianismus im „Römerbrief“ und ihre Bedeutung für die weitere Ausarbeitung der Theologie Karl Barths**. Berlin; New York: de Gruyter, 1995.

LUHMANN, Niklas. Die Ausdifferenzierung der Religion. In: **Gesellschaftsstruktur und Semantik**. Studien zur Wissenssoziologie der modernen Gesellschaft. Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1989, p. 259-357.

McCORMACK, Bruce L. **Karl Barth's Critically Realistic Dialectical Theology: Its Genesis and Development 1909-1936**. Oxford; New York: Clarendon Press, 1995.

MOXTER, Michael. **Kultur als Lebenswelt: Studien zum Problem einer Kulturtheologie**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000.

MURRMANN-KAHL, Michael. Theologische Prinzip und Modernitätserfahrung in Paul Tillichs *Christentum und die Gesellschaftsprobleme der Gegenwart* (1919). In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur: Aspekte, Probleme, Perspektiven**. Berlin; Boston: de Gruyter, 2011, p. 137-154.

NEUGEBAUER, Georg. **Tillichs frühe Christologie**. Eine Untersuchung zu Offenbarung und Geschichte bei Tillich vor dem Hintergrund seiner Schellingrezeption. Berlin; New York: de Gruyter, 2007.

_____. Die geistphilosophischen Grundlagen der Kulturtheologie Tillichs vor dem Hintergrund seiner Schelling- und Husserlrezeption. In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur: Aspekte, Probleme, Perspektiven**. Berlin; Boston: de Gruyter, 2011, p. 38-63.

_____. Freiheit als philosophisches Prinzip – Die Fichte-Interpretation des frühen Tillich. In: STOLZENBERG, Jürgen; RUDOLPH, Oliver-Pierre. (Hg.). **Wissen, Freiheit, Geschichte**. Die Philosophie Fichtes im 19. und 20. Jahrhundert. Beiträge des sechsten internationalen Kongresses der Johann-Gottlieb-Fichte-Gesellschaft in Halle (Saale) vom 3.–7. Oktober 2006. Bd. II: Sektionen 2-6. Amsterdam; New York: Editions Rodopi B.V., 2012, p. 181-198.

_____. Δι' ἐνὸς πάντα – Tillich im Wingolf. In: DANZ, Christian; DUMAS, Marc; SCHÜBLER, Werner; STENGER, Mary Ann; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 11: Faith in Post-Modernity. Berlin; Boston: de Gruyter, 2016, p. 149-174.

PAUCK, Wilhelm; PAUCK, Marion. **Paul Tillich: His Life and Thought**. New York: Harper & Row, 1976.

PAUCK, Wilhelm. To Be or Not to Be: Paul Tillich on the Meaning of Life. **Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences**, vol. 33, no. 2, p. 9-25, 1979.

PFLEIDERER, Georg. **Karl Barths praktische Theologie**. Zu Genese und Kontext eines paradigmatischen Entwurfs systematischer Theologie im 20. Jahrhundert. Tübingen: Mohr Siebeck, 2000.

_____. Kultursynthesen auf dem Katheder. Zur Revision von Troeltschs Soziallehren in Tillichs Berliner Programmvorlesung von 1919. In: DANZ, Christian; SCHÜBLER, Werner. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien. Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 119-136.

REIJNEN, Anne Marie. Protestantism as “Gestalt” in Tillich’s Analysis of Culture. In: DANZ, Christian; SCHÜBLER, Werner. (Hg.). **Paul Tillichs Theologie der Kultur: Aspekte, Probleme, Perspektiven**. Berlin; Boston: de Gruyter, 2011, p. 279-292.

RUDDIES, Hartmut. Karl Barth als liberaler Theologe. Eine Skizze zu den Anfängen seiner Theologie. In: BARTH, Roderich; OSTHÖVENER, Claus-Dieter; SCHELIHA, Arnulf von. (Hg.). **Protestantismus zwischen Aufklärung und Moderne: Festschrift für Ulrich Barth**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005, p. 389-402.

SCHARF, Uwe Carsten. The Concept of the Breakthrough of Revelation in Tillich’s Dogmatik of 1925. In: PARRELLA, Frederick J. (Ed.). **Paul Tillich’s Theological Legacy: Spirit and Community**. International Paul Tillich Conference, New Harmony, 17-20 June 1993. Berlin; New York: de Gruyter, 1995, p. 65-81.

SCHELIHA, Arnulf von. Die Rechtfertigungslehre bei Paul Tillich und Emanuel Hirsch. Problemgeschichtliche Perspektiven und systematische Entscheidungen. In: DANZ, Christian; SCHÜBLER, Werner. (Hg.). **Religion – Kultur**

– **Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien. Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 67-84.

_____. Die politische Ethik Paul Tillichs. In: DANZ, Christian; DUMAS, Marc; SCHÜßLER, Werner; STENGER, Mary Ann; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 10: Ethics and Eschatology. Berlin; Boston: de Gruyter, 2015, p. 143-166.

SCHULZ, Heiko. A Modest Head Start: The Reception of Kierkegaard in the German-Speaking World. In: **Aneignung und Reflexion**: Studien zur Rezeption Søren Kierkegaards. Berlin; Boston: de Gruyter, 2011, p. 27-114.

SCHÜßLER, Werner. **Jenseits von Religion und Nicht-Religion**: der Religionsbegriff im Werk Paul Tillichs. Frankfurt am Main: Athenäum, 1989.

SCHWÖBEL, Christoph. Thomas Mann, Paul Tillich und Halle. In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien. Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 19-36.

SOCKNESS, Brent W. **Against False Apologetics**: Wilhelm Herrmann and Ernst Troeltsch in Conflict. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998.

STURM, Erdmann. Tillichs religiöser Sozialismus im Rahmen seines theologischen und philosophischen Denkens. In: DANZ, Christian; SCHÜßLER, Werner; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 4: Religion und Politik. Wien: LIT Verlag, 2009, p. 15-34.

_____. An der engen Pforte der historischen Methode vorbei... Paul Tillichs Habilitation in Halle (1916) und seine Umhabilitierung nach Berlin (1919) und Marburg (1924). In: DANZ, Christian; DUMAS, Marc; SCHÜßLER, Werner; STENGER, Mary Ann; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 10: Ethics and Eschatology. Berlin; Boston: de Gruyter, 2015, p. 273-331.

WAGNER, Falk. Absolute Positivität. Das Grundthema der Theologie Paul Tillichs. *Neue Zeitschrift für Systematische Theologie und Religionsphilosophie*, vol. 15, p. 172-191, 1973.

_____. Kann die Religion der Moderne die Moderne der Religion ertragen? Religionssoziologische und theologisch-philosophische Erwägungen im Anschluß an Niklas Luhmann. In: DANZ, Christian; DIERKEN, Jörg; MURRMANN-KAHL, Michael. (Hg.). **Religion zwischen Rechtfertigung und Kritik**. Perspektiven philosophischer Theologie. Frankfurt am Main: Peter Lang GmbH; Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2005, p. 173-201.

WENZ, Gunther. **Subjekt und Sein**. Die Entwicklung der Theologie Paul Tillichs. München: Chr. Kaiser Verlag, 1979.

_____. *Rechtfertigung und Zweifel*. Tillichs Entwurf zur Begründung eines theologischen Prinzips von 1919 im halle-wittenbergischen Kontext. In: DANZ, Christian; SCHÜBLER, Werner. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien. Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 85-116.

WITTEKIND, Folkart. **Geschichtliche Offenbarung und die Wahrheit des Glaubens**: der Zusammenhang von Offenbarungstheologie, Geschichtsphilosophie und Ethik bei Albrecht Ritschl, Julius Kaftan und Karl Barth (1909-1916). Tübingen: Mohr Siebeck, 2000.

_____. „Allein durch den Glauben“. Tillichs sinntheoretisch Umformulierung des Rechtfertigungsverständnisses 1919. In: DANZ, Christian; SCHÜBLER, Werner. (Hg.). **Religion – Kultur – Gesellschaft**. Der frühe Tillich im Spiegel neuer Texte (1919-1920). Tillich-Studien. Band 20. Wien; Berlin: LIT Verlag, 2008, p. 39-65.

_____. Grund- und Heilsoffenbarung. Zur Ausformung der Christologie Tillichs in der Auseinandersetzung mit Karl Barth. In: DANZ, Christian; SCHÜBLER, Werner; STURM, Erdmann. (Hg.). **Internationales Jahrbuch für die Tillich-Forschung**. Band 6: Jesus of Nazareth and the New Being in History. Berlin; Boston: de Gruyter, 2013, p. 89-119.

WINDELBAND, Wilhelm. Das Heilige. Skizze zur Religionsphilosophie. In: **Präludien**: Aufsätze und Reden zur Einleitung in die Philosophie. Tübingen: Mohr Siebeck, 1907, p. 414-450.

WREGGE, Wolf Reinhard. **Die Rechtstheologie Paul Tillichs**. Tübingen, Mohr Siebeck, 1996.

WOLFES, Matthias. **Protestantische Theologie und moderne Welt**: Studien zur Geschichte der liberalen Theologie nach 1918. Berlin; New York: de Gruyter, 1999.

ZÖLLER, Günter. **Fichte's Transcendental Philosophy**. The Original Duplicity of Intelligence and Will. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Submetido em: 20-2-2023

Aceito em: 28-3-2023